



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**VARIAÇÃO LEXICAL DIATÓPICA NA COMUNIDADE DE PIXUNA DO
TAPARÁ – MUNICÍPIO DE SANTARÉM**

DANIELLY SAMARA MAFRA PEREIRA

ITAITUBA-PA
2018

DANIELLY SAMARA MAFRA PEREIRA

**VARIAÇÃO LEXICAL DIATÓPICA NA COMUNIDADE DE PIXUNA DO TAPARÁ –
MUNICÍPIO DE SANTARÉM**

Monografia de graduação apresentada ao curso de Letras, ministrada pela faculdade de Itaituba (FAI), como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientado pela Prof.^a Esp. Railane Esmeralda Cruz Figueira.

ITAITUBA- PA

2018

PEREIRA, Danielly Samara Mafra.

Variação Diatópica na Comunidade de Pixuna do tapará – Município de Santarém/
Danielly Samara Mafra Pereira/ Itaituba-Pará: FAI, 2018

.
77 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)- Faculdade de Itaituba – FAI, Curso de
graduação em Licenciatura Plena em Letras, Itaituba – PA, 2018

Orientadora: Prof^a Esp. Railane Esmeralda Cruz Figueira.

1.Letras.2. Educação. I. Railane Esmeralda Cruz Figueira, Esp. Faculdade de
Itaituba. Itaituba/PA – BR, 2018.

DANIELLY SAMARA MAFRA PEREIRA

**VARIAÇÃO DIATÓPICA NA COMUNIDADE DE PIXUNA DO TAPARÁ
- MUNICÍPIO DE SANTARÉM**

Monografia de graduação apresentada ao curso de Letras, ministrada pela faculdade de Itaituba (FAI), como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientado pela Prof^a Esp. Railane Esmeralda Cruz Figueira.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ NOTA: _____
Prof^a Mara Aparecida do Nascimento Pereira, Especialista

Orientador (a): _____ NOTA: _____
Prof.^a Railane Esmeralda Cruz Figueira, Especialista

Avaliador (a): _____ NOTA: _____
Prof^a Raimunda Bentes, Especialista

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba – PA, 02 de Fevereiro de 2018.

Dedico este trabalho ao meu sublime Deus e toda minha família, especialmente aos meus pais Francisco e Rosária que muito me ajudaram desde os meus primeiros anos de escola. Aos meus irmãos Darlysson, Dalton e Daiane. E também a Henrique Maciel e Reinaldo Pereira, minhas fontes preciosas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu bondoso Deus por me dar forças nas horas difíceis e me agraciar com vitórias.

À minha família, em especial meu pai Francisco e minha mãe Rosária por todo o apoio e sacrifício que fizeram para que eu tivesse a oportunidade de estudar, aos meus irmãos Darlysson e Dalton pelas importantes ajudas, à minha cunhada Daiane pelo auxílio e minhas tias Ednéia Tapajós e Vania Tapajós.

Agradeço também à Comunidade de Pixuna do Tapará, local onde nasci e me criei, que tenho orgulho em ser “pixunense daquela banda do Tapará”. Às pessoas que muito me ajudaram nesta pesquisa, principalmente ao seu Henrique e ao Reinaldo. E também à minha amiga Vanessa Mendes pela ajuda.

Meu sincero agradecimento à Faculdade de Itaituba por me proporcionar o ingresso no nível superior e aos professores por sua dedicação, paciência e excelente trabalho em ampliar meu conhecimento dentro do curso.

Agradeço imensamente às minhas orientadoras Regina Figueira e Railane Esmeralda por me acompanharem desde o primeiro período pela dedicação, preocupação, pelo conhecimento e principalmente pela humildade de serem pessoas de inteligência admirável e de valores inestimáveis.

Agradeço ainda aos meus colegas irmãos que conquistei na jornada acadêmica: Eunice Ramos, Romilson Nunes, Rafael Lopes, Franceli Soares, Dieude Lima, Rosiane Oliveira, Taiane Oliveira e Alice Juvenal.

Enfim, muito obrigada.

Um homem sem conhecimento é um mundo às escuras. O discernimento e a força são como os olhos e as mãos: sem eles, a sabedoria não produz fruto.

Baltazar Gracian

RESUMO

Esta monografia teve como escopo analisar as expressões existentes na comunidade Pixuna do Tapará. Mediante este tema, observou-se que na comunidade há a necessidade de comprovar e valorizar essa linguagem de pronúncia e sentidos distintos mas que, ao mesmo tempo, fazem parte de um cotidiano dos moradores. Estes por sua vez, desconhecem a riqueza que têm na língua por acharem seu falar errado. Partindo da experiência acadêmica, a qual observou a notória importância de pesquisar e conhecer essa variação, o estudo caracterizou-se a partir do embasamento teórico sobre a Sociolinguística e suas ramificações dentro da variação, discutindo autores com concepções diferentes, estudos sobre o léxico e a origem das expressões populares e adequação vocabular, finalizando no estudo histórico da comunidade e a busca pelas expressões locais através de métodos dentro de uma abordagem quantitativa, descritiva e bibliográfica. A partir desse estudo, foi possível levantar informações relevantes para o embasamento desta monografia que traz como tema a variação diatópica na comunidade ribeirinha, tendo como segundo ponto de partida a análise do conhecimento coloquial de pescadores, agricultores e demais moradores, tornando-se importante ressaltar que, ainda há bastante desinformação sobre essa variação e medo por parte dos falantes em pronunciar seu acervo lexical. É de suma importância que haja orientação, pesquisa, curiosidade em saber deste assunto, tanto na academia como em outras pesquisas escolares e particulares. Espera-se que este estudo venha contribuir para que haja conhecimento e reflexão quanto à variação, principalmente, no que concerne as questões da adequação vocabular, valorização e interesse pela fala regional e que, a leitura dessa monografia se constitua em um fomento de novos campos de pesquisas, pois o estudo da variação sociolinguística é inesgotável.

Palavras-Chave: Expressões. Léxico. Sociolinguística. Variação Diatópica.

ABSTRACT

This monograph had as scope to analyze the expressions existing in the community Pixuna do Tapará. Through this theme, it was observed that in the community there is a need to prove and value this language of pronunciation and distinct meanings but at the same time, they are part of a daily life of the residents. These, in turn, are unaware of the wealth they have in their language because they find their speech wrong. Based on the academic experience, which observed the importance of researching and knowing this variation, the study was based on the theoretical basis of Sociolinguistics and its ramifications within the variation, discussing authors with different conceptions, studies on the lexicon and origin of popular expressions and vocabulary suitability, ending in the historical study of the community and the search for local expressions through methods within a quantitative, descriptive and bibliographic approach. From this study, it was possible to gather relevant information to support this monograph that brings as a theme the diatopic variation in the riverine community. Finally, to analyze the knowledge of fishermen, farmers and other residents, it is important to point out that there is still a great deal of misinformation about this variation and the fear of the speakers in pronouncing their lexical heritage. It is extremely important that there be guidance, research, and curiosity in knowing about this subject, both in the academy and in other scholarly and private surveys. It is hoped that this study will contribute to a rethinking and reflection on the variation, especially in what concerns the issues of vocabulary adequacy, interest in the regional speech, and that the reading of this monograph should constitute a fomentation of new fields of research, since the study of sociolinguistic variation is inexhaustible.

Keywords: Expressions. Lexicon. Sociolinguística. Diatopic Variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Imagem da Escola Nossa Senhora Aparecida.....56

Figura 02 – Pesca comunitária.....56

LISTA DE SIGLAS

ACS: Agente Comunitário de Saúde

ASCOPPT: Associação Comunitária de Produtores e Pescadores de Pixuna do Tapará

MEB: Sistema Mobral de Ensino através da Rádio Rural

Z-20: Colônia de Pescadores

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	12
2.2 VARIAÇÃO, VARIEDADE, VARIANTE.....	19
2.3 TIPOS DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICA.....	24
2.3.1 Variação Diastrática.....	26
2.3.2 Variação Diafásica.....	27
2.3.3 Variação Diatópica.....	28
2.3.4 Variação Diamésica.....	29
2.4. REGIONALISMOS, GÍRIAS, BORDÕES E JARGÕES.....	31
2.5 ESTUDOS SOBRE O LÉXICO.....	40
2.5.1 Conceitos e formação.....	40
2.6 EXPRESSÕES POPULARES: COMO SURGEM.....	47
2.7 ADEQUAÇÃO VOCABULAR.....	49
2.8 O LÉXICO NOS DISCURSOS ORAIS E ESCRITOS.....	51
3 METODOLOGIA	52
3.1 TIPOS DE PESQUISA.....	52
3.2 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS.....	53
3.3 CONTEXTO DA PESQUISA.....	54
3. 4 PERFIS DOS PARTICIPANTES.....	57
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	58
5 CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS.....	71

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma abordagem sociolinguística em relação a variação diatópica na comunidade Pixuna do Tapará, situada na região ribeirinha de Santarém-PA e sua importante utilidade no cotidiano de seus moradores. Para o aprofundamento desta pesquisa, houve um embasamento teórico fundamentado em artigos e livros de autores experientes no assunto, posteriormente foi realizada uma investigação sobre a variante empregada naquela comunidade pelos seus residentes.

O referido estudo tem por objetivo, analisar e elucidar as expressões empregadas pelos moradores da referida comunidades em suas rotinas através das conversas espontâneas, reuniões e outras circunstâncias. Para esta pesquisa adotou-se pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo, onde a última utilizou-se de entrevistas gravadas e a disponibilidade de alguns moradores em auxiliar na coleta das expressões.

Este trabalho releva-se pela necessidade de um estudo aprofundado sobre a variação diatópica que às vezes é pronunciada de forma tímida aos que não fazem parte daquele meio e que é rica em léxicos jamais pronunciados em outra parte da região ou país. Visa responder as seguintes questões norteadoras: Como a variação diatópica é empregada pelos moradores? Quais os fatores que favoreceram a origem das expressões? Qual a contribuição da variação diatópica encontrada na comunidade para a Sociolinguística? Quais as estruturas lexicais empregadas nas conversações dos falantes?

O trabalho da sociolinguística visa esclarecer os vários portugueses dentro de nossa língua oficial e suas peculiaridades nas interações comunicativas. Dentro desse contexto faz necessária um conhecimento apropriado para todos que sentirem a necessidade de aprofundar seu conhecimento sobre Sociolinguística, haja vista que, esse ramo da linguística se torna desconhecido para muitos.

O enriquecimento teórico desta tese foi elencada a partir das pesquisas bibliográficas, onde foram observadas ideias de autores prestigiados nessa área como: Martelotta (2008), Tarallo (2007), Bechara (199), Bagno (2004), Saussure (2006), Preti (1984), Calvet (2002), Antunes (2012), Ilari e Basso (2011) dentre outros que foram meditados para enriquecer a ideia levantada nesta monografia. Também foi aproveitada a pesquisa de campo por meios de estudo de caso que

requereu uma abordagem quantitativa e qualitativa descritiva na Comunidade de Pixuna do Tapará localizada no Município de Santarém.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. No capítulo introdutório se faz uma abordagem sobre objetivos, justificativa, metodologia, questões norteadoras do referido trabalho e direciona sua estruturação.

Na Fundamentação Teórica, se aborda breve trajetória histórica sobre a Sociolinguística Variacionista, seus percussores, suas tipologias, ressaltando o regionalismo, gírias, bordões e jargões mostrando suas definições e alguns exemplos. Além disso, se adentra sobre o conceito do léxico e sua formação, o surgimento das expressões populares, a adequação vocabular e o emprego lexical nos discursos orais e escritos.

Já o terceiro capítulo aborda de forma clara a metodologia utilizada para a pesquisa de campo, o contexto da pesquisa envolvendo o histórico e imagens da comunidade, o perfil dos participantes e o resultados e discussões mostrando a pesquisa e a coleta de dados.

Por sua vez, no quarto capítulo se faz uma análise dos dados coletados, que serão organizados em forma de um glossário composto de 192 expressões dispostos em ordem alfabética das expressões empregadas pelos comunitários, além de análise sociolinguística dos dados coletados nas entrevistas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Desde os primórdios de organização da sociedade, o ser humano já tentava estabelecer meios de relacionar-se com os participantes do seu grupo, quer fosse através de grunhidos e pinturas, ou de gestos e utilização de objetos por eles encontrados que pudessem gerar informações do tempo presente, dos fenômenos naturais, períodos de caça e assim sucessivamente.

À medida que o espaço social foi se desenvolvendo gerando seus grupos sociais, a comunicação foi se expandindo constantemente em forma de língua. Sendo que esta, por sua vez foi avançando e levando seus adeptos a ampliarem a oralidade e influenciarem o seu redor, abrindo assim, uma nova vertente da língua e um novo ramo de estudo dentro da Linguística, a Sociolinguística, também conhecida como Teoria da Variação.

Coelho (2015) aponta que “a Sociolinguística é a subárea específica da Linguística com teoria e métodos voltados à compreensão da variação e da mudança nas línguas”. Como a língua é heterogênea, cabe um estudo maior e mais cuidadoso em relação às tais mudanças, haja vista que, todas essas modificações servem como condicionadoras para o desenvolvimento do estudo sociolinguístico.

Coelho (2015. p, 59) assinala os pontos considerados fundamentais na pesquisa sociolinguística como:

[...] a presença de um componente social da análise linguística e a noção de língua como um sistema heterogêneo. Abandona-se, portanto, a língua do indivíduo (idioleto) como objeto de análise, passando-se a considerar a língua do grupo no âmbito da comunidade fala.

Em favor disto, a relação entre língua e sociedade se dá pelo estudo da estrutura e das transformações ocorridas dentro da língua, levando em consideração o contexto social em que a sociedade ou comunidade se encontra inserida, sem individualizar somente um falante mas, observando a formação

comunicativa que um grupo exerce em seu meio objetivando a troca de informações.

Segundo Terra (1997), a Sociolinguística é “parte da linguística que trata das relações entre os fatos linguísticos e sociais”. A Sociolinguística tem como objeto de estudo a variação recorrente na língua utilizada pelos falantes de uma comunidade, atribuindo características peculiares a grupo sociais nos quais são empregadas a variante ou as variantes.

O nascimento da Sociolinguística ou teoria da variação tem seu ponto de discussão culminante em 1964, pois nos dias “11 a 13 de maio de 1964, por iniciativa de William Bright, 25 pesquisadores se reuniram em Los Angeles para uma conferência sobre a sociolinguística.” [...] Nesse congresso fizeram-se presentes muitas figuras importantes para a sociolinguística da época e os estudos recaíram sobre as diversidades da língua e seu uso na estrutura social (COUTO, 2017. S/p).

Todas as variações existentes na língua, serviram de base para que os campos da Sociolinguística fossem amplamente estudados por teóricos e pesquisadores e, cujo conhecimento culminou ainda sua origem dentro das formações sociais e as influências dessas variações na organização dos falantes dentro de uma sociedade através da língua. A respeito disso, afirma Silva (n/d):

Em toda a comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Às formas linguísticas em variação dá-se o nome de variantes, que são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade (SILVA, n/d. p,51).

Como se pode perceber, a língua vem ser um instrumento universal único que possui a capacidade de conduzir as circunstâncias envolvendo os diversos âmbitos sociais, culturais, religiosos, refletindo a convivência humana na comunidade em que está inserido. Conforme Caputo (n/d), a língua vem ser um instrumento capaz, senão quase único de transmitir e representar todas as situações [...], sendo ainda, essa alavanca de estabelecimento dentro da era contemporânea marcando as transformações aceleradas. Segundo Hartman e Santarosa (2012):

É a linguagem que torna possível a humanização como a percebemos. Por um lado, não podemos pensar o homem sem a linguagem; por outro não podemos pensar a linguagem distanciada da vida, em seus aspectos sociais, culturais e históricos (HARTMAN; SANTAROSA, 2012, p.24).

Ao falar de língua e sociedade, o indivíduo torna-se um peça inquestionável, pois é este último o principal percursor que dá sentido e vida à primeira e constitui a organização da segunda. A propósito disto, Silva (n/d) enfatiza que a história da humanidade é a história de seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. A respeito dessa percepção, Neves e Santana (2015) afirmam que:

Quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, os índios já habitavam nossas terras. Estes índios falavam diversas línguas, entre elas o tupi. Com a colonização das terras, a Língua Geral, que nada mais era que a mistura do Tupi com o Português, era a forma de comunicação mais usada. Em 1757, o Marquês de Pombal decreta a proibição da Língua Geral e “oficializa” a Língua Portuguesa com o objetivo de alcançar o monolíngüismo (NEVES; SANTANA, 2015.p.77).

Embora muitos pensem e acreditem que exista uma única língua, sabemos que o Brasil é um país miscigenado, ou seja, possui uma mistura de raças que compõe a atual nacionalidade. Essa mistura ocorreu desde a época da colonização afetando a primeira língua tupi e sofrendo influências advindas dos europeus, africanos, imigrantes e outros povos que ajudaram a colonizar o território brasileiro.

Segundo Bagno (2004), “a língua que falamos hoje no Brasil é diferente da que era falada aqui mesmo no início da colonização, e também é diferente da língua que será falada aqui mesmo dentro de trezentos ou quatrocentos anos”. Apesar do português ser conhecido e aceito como a língua oficial, é importante relevar que essa mesma língua apresenta inúmeras variantes utilizadas frequentemente em diversas localidades territoriais.

Para Gomes (2012), a língua que falamos é a mesma, isto é, todos nós usamos o mesmo sistema linguístico chamado *português brasileiro*. A fala de cada um de nós, no entanto, é diversificada, individualizada, heterogênea. E toda essa alteração na língua ocorrem de acordo com o tempo e também devido às mudanças sociais, econômicas, religiosas, etárias dentro da sociedade em que vivemos.

Bagno (2004) defende que “a língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada [...]”. Essa diversificação decorrente nesta única língua, define-se pelo lugar em que cada pessoa vive ou pelas suas próprias características como idade, sexo ou padrão social.

É através dessa diversidade que faz o indivíduo organizar-se de forma social e coesa sendo que esta interaja com outras culturas exercendo uma certa influência capaz de alterar ou adicionar a sua variante, pois “uma língua, ao mesmo tempo em que possui estrutura, também é dotada de variabilidade, ou seja, trata-se de um sistema heterogêneo”, como aborda Coelho (2015).

A sociolinguística considera que a língua sofre variações e que essas variações linguísticas ocorrem na fala das pessoas e são perceptíveis ao se analisar a língua no tempo não havendo como ignorar esse fato, conforme ilustra em sua pesquisa, Couto (2017). Parafraseando Gomes (2012):

O ser humano tem o poder de “entrar na mente” de outros ser humano, despertando a curiosidade, aguçando imaginação, manipulando ideias, mudando atitudes, gerando conflitos, tudo apenas com o poder do uso da palavra (GOMES, 2012. p.19).

Cada indivíduo que compartilha de uma mesma língua possui a capacidade variável de estruturar a mesma gramaticalmente e diferenciar o seu ritmo de fala conforme a situação presente. Essa variedade possui um valor comunicativo em que a estrutura e o ritmo podem se diferenciar, mais seu sentido torna-se amplo aos ouvintes que participam ou não do convívio do locutor.

Esse sentido ao ser transmitido, por vezes é recebido de forma “diferente” por um grupo que utiliza uma variedade acostuada com as regras gramaticais contidas em materiais didáticos já internalizados. Isso vem gerar um certo julgamento por parte destes, desconsiderando que a língua possui suas variações dentro da comunidade linguística. A respeito disso Tarallo (2007) afirma que:

[...] uma variável sociolinguística estável estará linearmente correlacionada à classe socioeconômica, de tal forma que o grupo social de *status* mais alto terá os índices mais elevados da variante de prestígio e, conseqüentemente, a frequência menor de uso da variante estigmatizada (TARALLO, 2007. p.70).

O autor comenta ainda que quando uma norma padrão é estabelecida, ela tende a ganhar importância e prestígio social e por conta disso, todas as demais variedades passam a ser consideradas inferiores ou erradas, sendo que a primeira é eleita a legítima dos falantes.

Couto (2017) reflete que a Sociolinguística mostra as variações na expressão oral e compreende a existência desses fatores e que a língua é usada como

manipulação, sendo necessária para que se vença a imposição de uma língua padrão sobre as demais variações.

O autor enfatiza ainda em seu estudo que todas as demais variações que existem dentro de uma língua possuem o mesmo valor dentro da sociedade e isso requer um respeito igual a essas variações, mesmo que exista o padrão a ser seguido e, este por sua vez não deve servir de cominação aos falantes de uma língua. A Sociolinguística, segundo Couto (2017):

[...] voltada para a língua observando-a sem preconceitos pode alavancar essas questões mostrando que todas as línguas têm a sua importância e não existem línguas melhores ou piores, mas variações diferentes que cumprem perfeitamente os seus objetivos. Por não haver possibilidades de arrancar a força o modo de falar de um indivíduo parece claro que a melhor maneira de torná-lo produtivo é inserindo-o no meio social em que vive procurando torná-lo competente tanto no falar padrão como nas demais variantes. Isso, no entanto, muitas vezes lhe é negado ou quando lhe é possibilitado o ensino de uma outra variante, ou seja, da língua padrão, isso ocorre de maneira deficiente (COUTO, 2017. S/p).

Todo o falante de uma língua que possui determinada variação em sua fala, não deve sofrer estigmatização pelos demais falantes e como melhor alternativa sugerida pelo autor supracitado seria sua inserção em meio aos demais indivíduos que usam a língua padrão e as outras variações, sendo desta forma, o falante da variação aprenderia não somente a língua padrão como as outras variações pois, todas as variações servem como facilitação comunicativa na sociedade e o respeito deveria ser tanto de quem utiliza a variação como de quem usa somente a linguagem padrão.

Eckert (1996) *apud* Coelho (2015) propõe em seus estudos três “ondas” que propositam a divisão do estudo sociolinguístico sobre as variações guiado também pelos estudos de Labov. Uma das “ondas” “trabalha com a variação objetivando estabelecer correlações amplas entre categorias sociais e variáveis linguísticas [...]”. A segunda “onda” “busca ir mais a fundo nas categorias sociais envolvidas na variação, empregando métodos etnográficos para desvendar quais processos locais constituem essas categorias mais amplas”. A última “onda” “olha para a variação como um sistema complexo de significados sociais em potencial dentro de uma comunidade, que pode ser manipulado localmente pelos indivíduos na construção de estilos identitários”. Essa vertente de estudo visa dentro dessas

“ondas” de pesquisa um importância maior no que se refere à significação social que as variantes exercem dentro da comunidade linguística.

Conforme os PCNs (1997), a linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o momento em que é aprendida, conservando um vínculo muito estreito com o pensamento, possibilitando não só a representação e a regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicação de ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriores inexistentes. Coelho (2015) ressalta que:

A língua é heterogênea, e essa heterogeneidade é observada tanto na sincronia como na diacronia, ou seja, a língua não passa por períodos menos sistemáticos, ainda que esteja em constante mudança. Desse modo retoma-se o princípio de que a *associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão* (COELHO, 2015. p. 71).

A autora supracitada observa que a língua passa por processos de mudanças em que, um falante pode dispor de mais de uma forma para expressar determinada coisa, levando outras formas expressivas a assumirem um lugar antiquado ou que passem por um processo reformulador, levando a estrutura linguística a mutações.

Koch e Silva (2002) destacam que a língua “está depositada como um produto social na mente de cada falante de uma comunidade”. Diacronicamente, esse produto social passa pelos processos de transformação nos signos que a sociedade assenta de acordo com as necessidades comunicativas de seus integrantes, servindo assim como aplanamento do processo de interação dos falantes.

A comunicação permite ao ser humano construir um determinado processo de interlocução diferenciada de acordo com sua situação conveniente dentro da sua prática social da qual faz parte e, também com quais indivíduos ele interage. Sobre essas variações Hartmann e Santarosa (2012) abordam que:

Além das variações sociais e culturais, as línguas apresentam variações no tempo. São realidades fundamentalmente históricas, não apenas no sentido de que se transformam no decorrer do tempo, mas no sentido de que estão se construindo e se reconstruindo a todo tempo. Nada na língua é estático, pronto e acabado (HARTMANN; SANTAROSA, 2012. p.34).

Os autores supracitados embasam seus estudos afirmando que a língua sofre suas modificações, essas modificações são necessárias incidindo devido a história de uma sociedade como ainda por meio das influências situacionais, como por exemplo, as épocas que os falantes vão vivendo, havendo assim, a necessidade de mudança da língua

Orlandi (1994) realça que, “tudo o que faz parte da língua interessa e é matéria de reflexão”. Todos os novos signos, os signos em desuso, os signos ajustados são de extrema importância para o estudo de nossa língua, havendo um conhecimento maior e um progresso significativo no processo de comunicação social por parte dos que integram esse processo.

Os autores supracitados enfatizam que as mudanças correntes na língua se dão pelo fato de que os interlocutores utilizam os códigos linguísticos de acordo com suas necessidades e, para que a comunicação não tenha dificuldades, algumas adaptações são feitas conforme a troca de informações entre os falantes.

Bechara (1999) destaca a língua como um “conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes”, isto é, todos que participam de um grupo compartilham e buscam informações usando a linguagem adquirida desde a infância e adaptada no convívio comunitário sem que haja uma falha no processamento de informações obtidas.

Chomsky (1959) *apud* Gomes (2012) enfatiza que a linguagem é inata e superior a qualquer outra habilidade humana. O ambiente só serve para oferecer à criança o *input* linguístico. Ela já nasce com essa linguagem e vai aprimorando a mesma à medida que o seu ciclo vital vai se desenvolvendo. Ele chama isto de gramática universal.

O modelo piagetiano citado ainda por Gomes (2012) posiciona ao ser humano a capacidade genética de adquirir conhecimentos e que a linguagem é apenas mais um dos diversos conhecimentos que ele desenvolve ao longo de sua convivência. Seu modelo deixa claro que a linguagem não é algo genético, é algo aprendido.

Labov (1972) *apud* Coelho (2010) enfatiza que “não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estrutura heterogêneas nas comunidades de fala é um fator comprovado”.

2.2 VARIAÇÃO, VARIEDADE E VARIANTE

Dentro da Sociolinguística o verbo variar ganha diversas derivações e diversos conceitos. E esses conceitos empregam-se a um único alvo, a língua. Dentre suas derivações, a variação, significa dizer novamente que, a heterogeneidade de uma língua não faz desta um amontoado de expressões utilizados de qualquer modo e em qualquer ambiente. Parafraseando Martelotta (2008):

Em outras palavras, a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos [...]. A variação ilustra o caráter adaptativo da língua como um código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática (MARTELOTTA, 2008. p.141).

Essa diversidade se dá de forma organizada e estruturada de forma em que todos os indivíduos participantes de um determinado convívio se comunicam e se entendem, surgindo desta maneira, os tipos de variação linguística. A respeito disso, corrobora Coelho (2010):

Então, mesmo que a princípio se possa pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a língua é dotada de heterogeneidade estruturada, portanto, há regras sim. Só que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas [...], a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis (COELHO, 2010. p., 24).

Essas regras variáveis adotadas no sistema heterogêneo se aplicam à duas formas de fala, em que, quando aplicada ocorrem outras formas linguísticas dependentes dos fatores linguísticos e sociais dos falantes. Bagno (1999) retrata que todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela.

Desde os primeiros anos de vida a criança vai aprendendo a pronunciar algumas palavras fáceis e com o passar do tempo ela vai estruturando frases até que, na fase adulta ela fale e entenda a língua aprendida com facilidade no meio

em que ela está inserida. É através dessa evolução vital que o campo da variação linguística também mereceu os esforços de pessoas especializadas nos estudos sociolinguísticos, como ressalta Bagno (2007).

Caputo (n/d) explica que a variação que ocorre no diferentes níveis da língua serve de objeto de estudo sobre os fatores que provocam essas mudanças tais como regionais, fonéticas-fonológicas, morfológicas e sintáticas.

A variação conforme Coelho (2015) se trata de um “processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. O que se pode perceber é que, essas formas não devem ser vistas com desprezo e escárnio mas, como o falante tem a possibilidade de interagir verbalmente fazendo uso de diferentes modos, havendo um entendimento perfeito por parte de outros.

Gorski e Coelho (2009) afirmam que “a variação, portanto, é inerente à fala e à própria comunidade de fala e está relacionada aos diferentes papéis sociais exercidos por cada um dos participantes”. Ou seja, a variação se torna essencial na vida de cada falante pois, a verbalização é um motivo primordial de sua socialização com o meio.

Ainda dentro desse contexto linguístico, há uma total diferenciação sobre o termo Variedade e, a respeito disso, Bagno (2004) comenta que todas as variedades de uma língua têm recursos linguísticos que desempenham a função de veículo de comunicação, de expressão e de interação entre seus falantes. Do mesmo modo, Coelho (2010) refere que:

Existe ainda o conceito de **variedade**, que não deve ser confundido com o de variável ou o de variante: *variedade* representa a fala de uma comunidade de modo global, considerando-se todas as suas particularidades, tanto categóricas quanto variáveis; é o mesmo que *dialeto* ou *falar* (COELHO, 2010. p, 26).

Variedade linguística envolve os vários modos de falar de uma mesma língua correlacionando-se com diversos fatores sociais que os ocasionam como idade, sexo, raça, grau de escolaridade, local de origem etc. Bagno (2007) defende que toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional, oferecendo todos os recursos indispensáveis no processo de interação social de seus falantes, sendo um meio eficiente de manutenção dentro da comunidade social que a emprega.

O autor cita ainda que a ideia de que existem variedades linguísticas mais “feias” ou mais “bonitas”, mais “certas” ou mais “erradas”, mais “ricas” e mais “pobres” são frutos de avaliações e julgamentos exclusivamente socioculturais e podem decorrer de relações de poderio e de discriminação existentes em toda a sociedade.

Segundo Alves; Lima e Sampaio (2012) “existem ainda os conceitos de variedade de prestígio e de variedade não prestigiadas”, sendo que a primeira é vista por algumas pessoas como a língua “correta” de se falar e a segunda variedade é vista neste mesmo patamar como uma língua desprestigiada.

Coelho (2015) aborda que “damos o nome de variedade à fala característica de determinado grupo”. Ou seja, esse grupo pode ser avaliado por alguns critérios como determina a autora, como geográficos, sociais, profissão entre outros. Esses critérios levam a uma abordagem mais específica da variedade a ser estudada.

Sobre essas variedades, ressalta Andrade (2012):

Entretanto, todas as variedades constituem sistemas linguísticos perfeitamente adequados para a expressão das necessidades comunicativas dos falantes, dadas às práticas sociais e os hábitos culturais de suas comunidades. Considerar determinadas variedades como melhores estigmatizar as demais é, antes de tudo, emitir um juízo de valor sobre os falantes dessas variedades, usando as diferenças linguísticas como um pretexto para discriminação social dos indivíduos (ANDRADE, 2012. p.541).

Essas diferenças encontradas na língua remetem a consequência do indivíduo com o ambiente em que convive gerando situações convenientes de fala entre os usuários da variante. Saussure (1916) *apud* Coelho (2010) destaca que:

A *langue* é homogênea e social, um sistema de signos, um “tesouro” depositado, pela prática da fala, no cérebro dos falantes; é essencial. Já a *parole* é um ato individual de vontade, é heterogênea, manifestação concreta da *langue*; é acessória e acidental. O objeto de da linguística, para Saussure, é a *langue* (COELHO, 2010. p, 13).

A autora supracitada ressalta que a importância da *langue* para o falante deve ser vista como algo assentado e, o falante a utiliza por que a possui, o que a torna diferente da *parole* que é algo essencial e natural do indivíduo, que usa e mostra de formas diversas conforme a situação conveniente e com os consortes que compartilham de sua língua.

Bechara (1999) ressalta que o dialeto é o veículo de expressão e comunicação que paira sobre as variedades regionais, apresentando-se como um espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas. O autor também defende a ideia de que este mesmo dialeto é a língua comum, porque entre os dois não há diferença de natureza, mas de extensão geográfica, prestígios diversos como políticos e culturais.

Deste mesmo modo, Coelho (2015) concorda que “[...] *dialeto* e *falar* são sinônimos de *variedade*”. Assim, tanto um sinônimo como o outro não devem ser inferiorizados por outros, haja vista que, os dois possuem o mesmo significado em relação à língua.

Para Bagno (2007) o “dialeto é um termo usado há muitos séculos, desde a Grécia antiga, para designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província etc.” Este mesmo idioma utilizado em um território concretiza-se em uma rede comunicativa vinculando os falantes a terem uma necessidade informativa entre si, progredindo assim, o dialeto em uso.

Pode-se ainda denominar dialetos como uma variedade falada numa região do país como as que são usadas por cada um dos elementos que constituem uma determinada população local.

Saussure (2006) destaca a fala como um ato individual de vontade e inteligência no qual se distinguem as combinações que o falante realiza pelo código da língua e o mecanismo psico-físico com o propósito de exteriorizar as combinações do seu pensamento pessoal.

Dentro da variação incidem os fenômenos recorrentes no dia-a-dia na língua dos falantes que são chamados de variantes. Tarallo (2007) ressalta que “variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.”

Também a respeito disso, Martelotta (2008) esclarece que:

O termo “variante” é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico. Ou seja, a língua sofre alterações em sua estrutura lexical sem perder o seu próprio sentido dependendo ainda da circunstância em que os usuários a utilizam, seja no ambiente familiar, social, religioso entre outros (MARTELOTTA, 2008. p, 142).

O autor ainda toma como exemplo a variante nos pronomes pessoais na primeira pessoa ilustrada com o verbo falar, havendo as formas “*nós falamos*” e “*a*

gente fala” como variantes do presente do indicativo. Essas duas formas são aceitas pela sociedade em geral tendo em vista que, as mesmas possuem a mesma significação e sentido único, só que, a estrutura “nós falamos” é considerada gramaticalmente mais formal do que “a gente fala” que soa um tanto coloquial.

Sobre isso, Coelho (2010) afirma que “chamamos de variantes [...] as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável – no caso, os pronomes *tu* e *você*”. Explicitando ainda, essas variantes são formas individuais que convergem dentro de uma variável, sendo que esta última é um aspecto da língua que se encontra em variação.

Rocha (1996) conceitua o termo variante como “cada uma das formas diferentes por que um vocábulo pode apresentar-se”. Ou seja, uma palavra pode ter diversas formas de ser pronunciada conforme a situação conveniente e com outros participantes que compreendam e que fazem uso da mesma.

O conceito de variante apontado por Mollica e Braga (2010) é entendido como “as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente”. Em outras palavras, vem a ser um conjunto de léxicos que concordados entre si, guiam a transmissão de ideias, opiniões, informações e tudo mais que os interlocutores sentirem necessidade de expandir.

Coelho (2015) ilustra que “chamamos de variantes as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável – no caso, os pronomes ‘tu’ e ‘você’”. Essas duas expressões comumente utilizadas servem para denotar o mesmo sentido empregado referente a um falante.

A autora supracitada ainda mostra dois requisitos a serem cumpridos para que duas formas usuais sejam chamadas de variantes, “elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto; elas devem manter o mesmo significado referencial/representacional”. Neste sentido, duas expressões devem ser iguais, não na estrutura lexical, mas no sentido ou contexto. Bagno (2007) destaca que:

Uma variável sociolinguística, portanto, é algum elemento da língua, alguma regra, que se realiza de maneiras diferentes, conforme a variedade linguística analisada. Cada uma das realizações possíveis de uma variável é chamada de **variante**. A definição mais simples de variante é a de “cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa” (BAGNO, 2007. p. 50).

Conforme a temporaneidade, dentro das variantes, algumas palavras vão reestruturando-se ou tornando obsoletas e, outras sendo criadas atualizando a nossa língua tornando-a mais dinamizada. É o que afirmam Mollica e Braga (2013), “as variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto ou até por séculos ou podem sofrer mudanças quando uma das formas desaparece”. Para as autoras supracitadas, quando isso ocorre, há outras formas ou novas formas que farão a substituição das que caíram em desuso ocorrendo assim, uma mudança e avanço significativos na língua usual.

Gorski e Coelho (2009) relembram que “todas as línguas são adequadas às necessidades e características da cultura a que servem e igualmente válidas como instrumentos de comunicação social”. Como prova disso, nenhuma língua se torna superior ou inferior à outra. Todas, quando empregadas, ganham valor significativo naquele espaço social.

Segundo Tarallo (2007), “as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não – padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas.” O estudo sociolinguístico reflete que esses três pares são revezados em uma mesma significação, ou seja, pelo fato de os falantes utilizarem as variantes continuamente não há concorrência, mais uma coincidência nos signos e sentidos. Por vezes, essa mesma coincidência não é sucessivamente observada.

Coelho (2015) aborda que as variantes são formas que devem conter o mesmo significado tanto referencial quanto representacional e ser congruentes no contexto em que são empregadas. As pessoas que utilizam determinada variante, usam espontaneamente as expressões de forma que os receptores da mensagem absorvem de imediato as informações e repassam de tal modo que, para todos ocorre a influência mútua da variante.

2.3 TIPOS DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

A variação sociolinguística abrange pontos específicos, tais como condição social, faixa etária, diferenças existentes entre regiões, entre outros. Assim sendo, constata-se algumas elucidações e casos representativos das tais variações

decorrentes na língua. Conforme Tarallo (2007), “a teoria da variação assume a heterogeneidade e o “caos” linguístico como objeto de estudo [...]”.

De acordo com Calvet (2002) “essas variáveis podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território.” O autor ainda salienta que essas variáveis podem ganhar também o sentido social, ou seja, equivale em uma distinção problemática em unir a diferença linguística e social correspondentes ao uso variado e circunstancial dessa mesma língua.

Para Duarte (2017), essas variações decorrentes na língua ocorrem “pelas diferentes regiões brasileiras, [...] diferentes linguajares norteiam a convivência dos falantes. Isso acontece em razão da classe social, faixa etária, aspectos da própria região, entre outros.” Conforme a autora, surgem razões variadas para que um grupo, seja regional, social ou outros criem sua própria variação linguística, de forma que venha facilitar a interação entre seus falantes. Segundo Ilari e Basso (2011):

[...] a variação linguística é um fenômeno normal, que por manifestar-se de várias formas, leva os estudiosos a falar em **variação diacrônica**, **variação diatópica**, **variação diastrática**, **variação e diamésica**. Essas expressões são à primeira vista estranhas, mas um pouco de etimologia mostrará [...] que elas são, no fundo, bastante transparentes (ILARI, BASSO, 2011. p.152).

Os autores parafraseados observam que, as nomenclaturas acima estudadas parecem a princípio um tanto díspares no primeiro contato, mas que no decorrer das pesquisas, seus significados aparecerão bastante claros ao que se refere variação linguística brasileira e, as informações sobre essas expressões etimológicas aprofundarão o conhecimento sobre Sociolinguística. Duarte (2017) afirma que

Tais fatores fazem com que essas variações adquiram classificações distintas, denominadas **diatópicas**, **diastráticas e diafásicas**, cada qual apresentando características que lhe são próprias. Assim, no sentido de estabelecer familiaridade com todos os aspectos que as norteiam [...] (DUARTE, 2017. S/p).

Dentro de cada variação é perceptível que uma só língua trará multiplicidades nos diversos modos de falar e, ao final todas terão como base esta mesma língua, pronunciada, estruturadas de modos distintos. Lajolo (1977)

concorda que “estes modos de falar são condicionados, entre outros fatores, pelo grupo social a que pertence o indivíduo, pela situação em que se encontra, pela região em que reside”. Ou seja, as variações estão presentes no cotidiano dos falantes por meio da necessidade de comunicação.

2.3.1 Variação Diastrática

Conforme CAPUTO (n/d) são variações linguísticas que ocorrem entre diferentes camadas sociais, que se valem de gírias e jargões para identificar e caracterizar os grupos constituídos. Ou seja, esses grupos são caracterizados pelo seu modo de expressão próprio variando ou não sua faixa etária.

A cerca disso, BAGNO (2007), elucida que é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes **classes sociais**. O adjetivo provém de DIÁ- e do latim STRATUM, “camada, estrato”. Todos os grupos sociais, também intitulados classes, possuem fala e expressões distintas que são utilizadas somente por aquele grupo, haja vista que, a compreensão só parte dos integrantes deste.

Gorski e Coelho (2009) denominam a variação diastrática como variação social, pois ela “está relacionada a fatores concernentes à organização socioeconômica e cultural da comunidade”. Nesta variação é refletido diversos fatores que a ocasionam como idade, sexo, posição social, escolaridade, profissão entre outros. Tudo isso colabora para que o falante seja identificado através de sua manifestação oral.

Segundo Braga e Mollica (2010) as variações linguísticas ocorrem no eixo diastrático em que “elas se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais”. Nessa variação, as relações sociais marcam a linguagem do falante de acordo com sua influência dentro do meio social, revelando assim, o emprego de suas formas características.

Ilari e Basso (2011) apontam que variação diastrática é conhecida pelos linguistas como um fenômeno “que se encontra quando comparam diferentes extratos de uma população. Referida às vezes como “português subpadrão” ou “português *substandard*””. Essa variante, segundo os autores é aquela empregada pela população que não possuiu ou que não possui acesso à escola.

Segundo os autores supracitados essa variação se caracteriza pela queda ou perda da fonética, perda da fonologia, negação redundante e trocas gramaticais

dentro da sintaxe. Por essas razões, a forma e a construção do português *substandard* fez de uma variedade da língua, possuir uma gramática própria, já o português subpadrão usado comumente no Brasil sofreu uma redução da conjugação verbal de duas formas: eu falo, ele/ela, nós (*a gente*) vocês, eles/elas fala; conforme Ilari e Basso (2011). Coelho (2015) esclarece que:

Da mesma forma que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes. A essa propriedade dá-se o nome de **variação social** ou *diastrática*. Os principais condicionadores sociais que usualmente são correlacionados à variação linguística são o *grau de escolaridade*, o *nível socioeconômico*, o *sexo/gênero* e a *faixa etária* [...] (COELHO, 2015. p. 41).

A referida autora, em seus estudos, elucida que a variação diastrática ocorre por meios desses fatores que não são os únicos existentes dentro de um espaço, seja ele um país, cidade ou qualquer outro ambiente mostrando que as características dos falantes influenciam nessa variação. Alguns desses fatores mostrados por Coelho (2015) são exemplos claros de que todo falante possui um papel fundamental dentro da comunidade de fala, sua exposição em relação à mídia, entre outros que possam surgir como objetos de análise da variação.

2.3.2 Variação diafásica

Segundo Bagno (2007):

É a variação estilística [...], isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de **monitoramento** que ele confere ao seu comportamento verbal. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego KHRÓNOS, “tempo.” (BAGNO, 2007.p.47).

Sobre essa afirmação, Caputo (n/d) explica que esta ocorre dentro da própria língua e que está na dependência da grau da formalidade e informalidade dos falantes da língua e cada uma apresenta formações vocabulares e sintáticas que lhes são inerentes. O autor ainda diferencia os dois tipos de linguagem, sendo que a linguagem formal procura ser mais rigorosa e obediente às normas gramaticais tanto na oralidade como na escrita e a informal já é mais distraída, mais espontânea e popular.

Sobre essa mesma percepção, Coelho (2015) afirma ainda que “certamente, em situações formais, usamos uma linguagem mais monitorada, ou seja,

prestamos mais atenção à forma como falamos, enquanto que, em situações mais informais, usamos uma fala coloquial”.

Partindo do ponto de vista de ambos os autores, percebe-se que todos os falantes escolhem suas expressões de acordo com cada situação, natural ou superficialmente. Essa escolha influencia bastante na interação comunicativa, haja vista que, haveria uma total deselegância se as expressões usadas em um campo de futebol fossem empregadas dentro de um local religioso.

Coelho (2015) ressalta que “um mesmo falante pode usar diferentes formas linguísticas dependendo da situação em que se encontra”. Todos desenvolvem funções dentro do meio em que estão inseridos e, de acordo com suas funções, cada falante tem sua própria maneira de se expressar conforme cada ocasião.

Ainda de acordo com Coelho (2015):

O que está em jogo aí são os diferentes “papéis sociais” que as pessoas desempenham nas interações de que participam em diferentes “domínios sociais”: na escola, na igreja, no trabalho, em casa, com os amigos etc. Esse tipo de variação linguística, resultante dos diferentes papéis sociais que desempenhamos nas diferentes situações comunicativas, recebe o nome de **variação estilística** ou *diafásica* (COELHO, 2015. p.46).

A variação diafásica é responsável pela maneira como falamos nas circunstâncias comunicativas ocorridas dentro do meio, levando a uma adequação vocabular em que os falantes empregam em seus contextos de fala. Essa variação culmina ainda devido as posições sociais impostam durante a convivência dos indivíduos.

2.3.3 Variação Diatópica

A cerca dessa variação Caputo (n/d) explana que ela ocorre de região para região, dentro de um mesmo estado, ou mesmo dentro de um determinado país. Ou seja, é o caso do léxico empregado por indivíduos de diferentes lugares de um país que nomeia um mesmo objeto com termos diferenciados.

Parafraseando Bagno (2007):

É aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de **lugares diferentes**, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O

adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de”, e de TÓPOS, “lugar” (BAGNO, 2007. p.46).

Conforme Ilari e Basso (2011), essa variação é entendida pelas diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países como é o caso do português europeu e o português falado no Brasil.

De acordo ainda com os autores supracitados, o estudo aprofundado da variação diatópica levou a comparação do português falado na Europa, na África, na América Latina e em alguns países da Ásia. E o que foi apurado neste estudo sobre o aparecimento das variações foram as razões históricas e políticas, comparando as línguas das antigas colônias e metrópoles, como no caso do Brasil e de Portugal se falavam a mesma língua e como surgiu esta variação no português. Segundo Ilari e Basso (2011):

Quando se fala de variação diatópica do português brasileiro, a primeira observação a fazer é que, tomarmos como termo de comparação a variação regional das línguas faladas na Europa (inclusive o português europeu), o Brasil fala uma língua muito uniforme em todo o seu território; a variação não afeta aspectos substanciais do sistema fonológico e sintático da língua e assim não admira que o gaúcho possa ser compreendido pelo amazonense ou o mato-grossense pelo nordestino (ILARI E BASSO, 2011. p.160).

Essa variação, construída a partir da historicidade é compreendida pelos falantes pertencentes de um mesmo território, sendo que a compreensão é notória mesmo que os falantes tenham suas origens de diferentes regiões, a comunicação não tem seu sentido alterado.

Braga e Mollica (2010) afirmam que a variação linguística pode ocorrer no eixo diatópico, sendo que “as alternâncias se expressam regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos [...]”. Ou seja, essa variação ocorre em um espaço em que, todos os falantes já possuem uma adequação natural naquele meio, já em outro espaço regional, incide outra variação comum daquele lugar.

Conforme os estudos de Duarte (2017), as variações diatópicas “classificam-se em virtude das diferenças entre as regiões no que tange ao modo de falar, sendo que tais diferenças podem se dar tanto em relação à semântica (relativa ao significado que as palavras apresentam), quanto à sintaxe”. A autora destaca

exemplos verídicos como provas de sua pesquisa tais como “*mexerica*”, “*bergamota*” e “*tangerina*”, palavras que, no vocabulário de algumas regiões sofre tal variação mas, que em nada altera seu significado.

2.3.4 Variação Diamésica

Essa variação pondera os dois tipos de língua, oral e escrita. A respeito dessa questão Bagno (2007) considera que:

É que se verifica na comparação entre **a língua falada e a língua escrita**. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de **gênero textual**. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego MÉSOS, “meio”, no sentido de “meio de comunicação”. (BAGNO, 2007. p.46).

Ao longo dos pretextos das variações linguísticas, como variação de tempo, espaço e, principalmente por níveis de escolaridade ou econômicos, a variação diamésica, às vezes esquecidas, é referida aos vários veículos ou meios de expressão que a língua utiliza como afirmam Ilari e Basso (2011).

Conforme Coelho (2015), “a palavra *diamésica* se relaciona etimologicamente à ideia de vários *meios*; no contexto da Sociolinguística, os meios ou códigos a que nos referimos são a *fala* e a *escrita*”. Ou seja, essa variação ocorre em dois códigos diferentes e para que ocorra um conhecimento maior sobre estes, é indispensável saber a diferença entre o que se fala e o que se escreve. A autora ainda aborda que,

[...] em situações excepcionais, a produção de um texto falado é uma atividade *espontânea, improvisada e suscetível à variação* nos diversos níveis. Já a escrita constitui-se como uma atividade *artificial* (não espontânea), *ensaiada* (no sentido de que reservamos tempo e espaço para planejamento, revisões e reformulações), e um pouco *menos variável*, pois em geral está mais vinculada à produção de gêneros sobre os quais há maior pressão de regras normativas e maior monitoramento (COELHO, 2015. p. 49).

As diferenças entre a língua falada e a língua escrita devem ser abordadas cuidadosamente, ao visto que, a relação entre elas é contínua e cada uma possui particularidades a serem olhadas com atenção. O falante pode verbalizar um determinado texto sem preocupação maior e na prática escrita esse mesmo texto terá todo um aparato a ser concordado.

Ilari e Basso (2011) asseguram que “a variação diamésica compreende, antes de mais nada, as profundas diferenças que se observam entre a língua

falada e a língua escrita”. Entre outras palavras, sempre houve uma preocupação maior em relação à escrita gramaticalmente correta e um certo descaso em relação à fala, daí surgiu a questão: “pensa que fala da mesma forma que escreve”.

Os autores supracitados ainda exemplificam dentro do assunto em questão algumas palavras corriqueiras como “*né*”, “*ocês*”, “*disséro*”, “*téquinico*” ao invés de “*não é*”, “*vocês*”, “*disseram*” e “*técnico*”. Essa diferença não se restringe somente a essas expressões, ela abrange mais coisas que a maioria dos falantes acomodou-se em não saber distinguir fala e escrita.

2.4 REGIONALISMOS, GÍRIAS, BORDÕES E JARGÕES

No Brasil, a comunidade linguística comporta-se de modo que suas atitudes, pensamentos, ideias, percepções a respeito do meio em que vivem e convivem seus integrantes são manifestados por meio da comunicação oral, propagada através de expressões próprias de grupos sociais existentes na sociedade. Não somente a língua é influenciada por grupos, como também já recebeu e recebe influências culturais trazidas através de várias nacionalidades formando as regiões brasileiras desde o descobrimento, imigração e até os dias atuais, como ilustra Lajolo (1977),

[...] o uso particular da língua em cada região geográfica tem sua razão de ser na sua própria espontaneidade. Por esse motivo, não há uma forma de falar melhor que a outra, e não se pode dizer que o modo de falar de uma determinada região é mais bonito ou mais correto que o de outra (LAJOLO, 1977. p. 227).

Cada região possui seu jeito particular independente das condições sociais. Os seus falantes utilizam expressões conhecidas e de fácil entendimento por todos nas conversações de modo que, essas expressões surgiram ali naquele meio regional e tampouco cairão em desuso por serem estigmatizadas.

Segundo Terra (1997) “a diversidade na utilização do uso de uma mesma língua [...] pelo conjunto dos falantes é decorrente de inúmeros fatores”. Um desses fatores citados pelo autor é o fator regional que,

O português falado no sul do país difere do falado no norte. Ainda dentro de uma mesma região, encontram-se variações do uso da língua. Num mesmo estado, por exemplo, há diferenças entre a língua utilizada por um

cidadão que vive na capital e a empregada pelo habitante da zona rural (TERRA, 1997. p.61).

O autor supracitado reflete que mesmo que o Brasil tenha o português registrado como língua oficial, todas as suas regiões possuem um determinado jeito de falar esse português, seja através de expressões diferentes ou expressões que tenham diversos sentidos empregadas nas diversas situações.

Lajolo (1977) ressalta que as diferentes pronúncias “constituem marcas características do uso da língua em diferentes regiões do país”. A autora considera estas distintas pronúncias partes essenciais da variação regional/geográfica.

Görski e Coelho (2009), denominam o regionalismo como variação geográfica e afirmam que esta associa-se às forças internas que promovem ou impedem a variação e a mudança e à identidade do falante. “É como se o indivíduo, ao manifestar-se oralmente, já revelasse a sua origem. É como se ele, pela sua forma de falar, se identificasse como pertencente ou não a determinada comunidade e a determinado grupo social” (GORSKI; COELHO, 2009. p. 77).

A respeito dessa percepção, Coelho (2015) revela que

A variação regional está associada, algumas vezes, à etnia colonizadora de uma comunidade. Isso ocorre porque a língua do povo colonizador acaba influenciando a língua da região colonizada. No Brasil, apesar de o território ter sido largamente colonizado por portugueses, tivemos um grande fluxo imigratório de diversos povos [...], sem contar os povos africanos que foram trazidos como mão de obra escrava e os povos indígenas que aqui já habitavam [...] (COELHO, 2015. p. 39).

A autora supracitada justifica que essas diferenças regionais advêm devido a existência de nativos e ocupação colonial no território brasileiro por colonizadores estrangeiros e depois desta, a ocupação atual de diversos imigrantes que passam a ocupar as regiões brasileiras mesclando suas línguas com o português, gerando desta forma, expressões regionais.

Lajolo (1977) enfatiza que no Brasil “há um número bastante variado de usos da língua portuguesa. Essa variação se dá, sobretudo, na diferença de pronúncia”. Essa pronúncia recebe uma nomenclatura popular de *sotaque* e se difere ainda no vocabulário que ela exerce, sendo que as palavras vão ganhando sentidos distintos em todas as regiões, havendo casos em que os vocábulos se tornam desconhecidos em certas regiões e, em outras são constantemente empregados.

Duarte (2017) enfatiza que variação regional é comumente chamada de dialetos, “que são as marcas determinantes referentes a diferentes regiões, [...]”. Figurando também esta modalidade estão os sotaques, ligados às características orais da linguagem.” Essa variação modifica-se conforme a região ao qual as palavras e/ou expressões são empregadas e, para embasar sua percepção, a autora toma como exemplo claro da variação regionalista a palavra “*mandioca*” que, em certos lugares, recebe outras nomenclaturas, tais como: *macaxeira* e *aipim*.

De acordo com Coelho (2015), a variação regional pode ser estudada ainda sobre os tipos de unidades espaciais. Pode existir variação regional entre dois países, entre duas regiões de um mesmo país, entre duas cidades de um mesmo estado e, até mesmo entre falantes de dois bairros de uma mesma cidade. “É comum também que se analise variação regional entre zonas urbanas e zonas rurais ou do interior” (Coelho, 2015). Brandão (2005) distingue:

Os falares regionais em relação aos falares locais. Os primeiros caracterizam-se por serem as peculiaridades expressivas próprias de uma região determinada que carecem da coerência interna que possui o dialeto. São, portanto, peculiaridades regionais da língua comum (BRANDÃO, 2005, p.13).

A autora supracitada comenta que o regionalismo é propriedade linguística específica de cada região, colocando os moradores desta em uma comunicação peculiar que difere das demais transmitindo e recebendo elementos expressivos com suas determinadas definições gerando entendimento por parte dos usuários desta variação.

Gorski e Coelho (2009) esclarecem que no Brasil percebe-se as diferenças existentes entre os diversos falares de cada pessoa que advém de cada região brasileira como baiano, paulista entre outros; “assim como também percebemos diferenças na fala de indivíduos provenientes de zona rural e a de indivíduos urbanos nas diferentes regiões” (CORSKI; COELHO, 2009. p. 77).

Coelho (2015) define a variação regional como *variação regional* ou *variação diatópica*, sendo esta responsável como elemento primordial de identificação um tanto precisa à origem de uma pessoa simplesmente pelo modo como ela fala. A autora exemplifica que por meio da língua, é possível saber o falante é gaúcho, mineiro ou baiano.

Outro hábito linguístico estudado por Preti (1984) é a gíria. A mesma é definida pelo autor como:

Um fenômeno de grupo restrito, é uma decorrência dessa dinâmica social e linguística. Caracterizada como um vocabulário especial, a gíria surge como um *signo de grupo*, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja a gíria dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou de outros grupos ou profissões). E quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de auto-afirmação (PRETI, 1984. p 03).

O autor supracitado afirma que a gíria é a identidade de um grupo e todos os integrantes deste grupo possuem uma facilidade na troca e compreensão da informação. A linguagem utilizada pelos mesmos é de fácil acesso e quando expandida no meio social, passa a ser vista com dificuldade se é de exclusividade da gíria ou do vocábulo popular.

Etimologicamente, Rector (1975) *apud* Andriguetto (2006), conceitua a gíria como *jerga* ou *jerigonza* utilizada pela primeira vez em 1734, significando uma língua especial, com difícil compreensão. Já no início do século XVI, apareceram outros sinônimos sobre ela.

Conforme os estudos de Terra (1997), “a gíria, por ser uma variante da língua, também sofre evolução: constantemente surgem novas gírias e outras desaparecem”. Para corroborar seu ponto de vista, o autor questiona um exemplo antigo de gíria que era utilizado com frequência em uma determinada época e que, hoje caiu em desuso ou que desapareceu por completo devido a essas tais mudanças: “*Fiquei gamada naquele broto porque ele era um pão*”.

Preti (1984) elucida a origem da gíria com seu vocabulário herdado das comunidades marginais, ou seja, da própria gíria utilizada por malandros ou da antiga gíria dos “hippies”, tornando-se um signo grupal bem definido na sociedade moderna das grandes cidades.

O autor supracitado esclarece que o rótulo “marginais” não se restringe tão somente aos marginais do crime, mais a grupos de intelectuais como estudantes e outros grupos que se valem de expressões particulares para a facilitação da comunicação entre si como a expressão muito usada na década de 70, *bicho*, que fazia a substituição das palavras *amigo*, *colega* e *cara*.

Sob a perspectiva das expressões cômodas aos grupos sociais, Duarte (2017) admite que “as gírias pertencem ao vocabulário específico de certos grupos,

como os surfistas, cantores de rap, tatuadores, entre outros”. Ou seja, cada grupo possui seu vocabulário singular de expressões utilizadas por seus falantes que, em um processo de interação, todos os componentes repassam informações, absorvem a mesma e correspondem significativamente entre si, fazendo uso de seus próprios códigos linguísticos e, fazendo desta forma, o avivamento de sua gíria.

Também sob esse mesmo olhar Borgatto; Bertin e Marchezi (2006) refletem que em outras palavras, “a gíria não é coletiva. Não abrange toda a sociedade. Não há linguagem científica baseada em gíria. Não há linguagem jurídica baseada em gíria. Não se escreve um contrato em gíria. E não há dicionário universal em gíria”. A gíria é exclusiva de grupos sociais pertencentes às classes média e baixa e, é importante uma atenção redobrada ao utilizar em determinados locais, ou seja, é inapropriado seu uso em situações em que requer uma postura padrão.

Andriguetto (2006) corrobora a gíria como um conceito relacionado “ao conjunto de expressões de tipo popular, comuns na linguagem corrente e despretensiosa e, de maneira geral, sua frequência é maior nas esferas menos cultas da população.” Os grupos sociais são marcados pelo tipo de linguagem que empregam ao se relacionarem com seus parceiros e, essa linguagem, recheada com expressões singulares são por vezes incompreensíveis pelo restante da sociedade que não faz parte de determinado grupo.

Segundo Oliveira (2009) “uma gíria é um neologismo, uma palavra nova, inventada por um grupo de falantes da língua. Pode ser também uma palavra velha com uma roupagem nova”. Ou seja, a gíria permite ao seu falante ser aprimorada, inventada, reciclada para que, a interação comunicativa se torne mais compreensível. Um exemplo claro que a autora mostra é a palavra “pintar”, em através do tempo ela foi ganhando novos sentidos.

Bragança (1991) *apud* Terra (1997) atribui a gíria uma variante própria da juventude e da linguagem coloquial e informal. A mesma torna-se uma descontração, um deboche ou até mesmo uma crítica, sendo sua existência, essencial para a linguagem pois, a mesma atribui “um colorido próprio à linguagem”. A autora supracitada afirma ainda que sem o uso da gíria, a língua corre o risco de tornar-se empobrecida pela padronização, ficando sem vida e sem acréscimo de outros léxicos nas variantes.

Borgatto; Bertin e Marchezi (2006) retratam a gíria como

Linguagem própria de um grupo social. É característica da linguagem oral informal e é usada por pessoas de um grupo com interesses em comum – por exemplo, o mesmo tipo de divertimento, de profissão, de prática esportiva, ou a mesma idade, a mesma classe social, a mesma condição de vida, etc (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2006. p. 67).

Todos os integrantes de um determinado grupo social que utilizam sua própria gíria, criam um universo próprio e há uma total compreensão por parte destes. As autoras supracitadas aprofundam seus estudos ressaltando ainda que, “difícilmente a gíria é entendida por pessoas de fora do grupo que a adota, funcionando assim como um código próprio, que distingue o grupo”. Como ela se torna restrita a outros grupos e até mesmo do restante da sociedade, ela possui vida curta perante a forma tradicional da língua.

Por outro lado, Oliveira (2009) afirma que a gíria “pode passar a ser usada por pessoas de fora da comunidade em que ela foi criada, pode até passar a ser usada por grande parte dos falantes daquela língua”. A autora enfatiza ainda que quando isso ocorre, a expressão ganha o “direito” de ir para o dicionário e, a partir de sua catalogação, ela se torna pública e os falantes até esquecem que sua origem veio da gíria.

As expressões usadas na gírias são diferentes conforme os grupos sociais, ou seja, cada grupo tem suas próprias suas próprias expressões, o que diferenciam de outrem. Sobre isso Andriguetto (2006), revela que a gíria “é um elemento de defesa na medida em que é apenas compreendida pelos integrantes do grupo que dela fazem uso. Mas é também um elemento de agressividade com [...] desprezo pelo restante da comunidade.”

Existe um universo linguístico de gírias por todo o país e, todas elas tem sua pronúncia um tanto parecida mas, com múltiplos sentidos e com os mais variados contextos, e só quem faz uso dela consegue compreender uma conversa dentro de um grupo que também só se comunica por meio da gíria, conforme explica Borgatto; Bertin e Marchezi (2006) “para quem não faz parte do grupo que adota essas gírias, se não houver uma “tradução”, é quase impossível aprender o seu real significado”.

Por outro lado Oliveira (2009) aborda que a gíria tem várias funções, dentre elas, definir o grupo social de falantes que se expressa da maneira que lhe convém

mais adequada. “Ela separa os que usam daqueles que não a usam. A gíria é uma das variedades linguísticas que nos dão identidade” (OLIVEIRA, 2009. p. 89).

A gíria é vista ainda como uma agressividade e obscenidade por conta de algumas de suas expressões usadas com múltiplos sentidos por seus usuários. Preti (1984) relaciona algumas dessas palavras que ratificam essa agressão vocabular usada pelos falantes, tais como *bicha*, *sacana*, *mamar*, *piranha*, *cabrocha*, *mina* entre outras. De acordo com Terra (1997):

A gíria é uma variante da língua padrão utilizada por um grupo de indivíduos de um grupo social ou profissional em circunstâncias especiais. Claro que cada grupo distinto tem sua própria gíria, daí encontrarmos vários tipos de gírias: a dos malandros, a do jovens, a dos surfistas, a do futebol, etc. (TERRA, 1997. p, 66).

Segundo Andriguetto (2006), essa linguagem serve como influência para as variações sócio-culturais, sendo assim, mais popularizada quando suas expressões são ditas de maneira própria revelando sentimentos como afinidade ou agressividade e, isso vem a diferenciar os falantes desse grupo do resto da sociedade.

A autora supracitada ressalta ainda que a gíria permite a criação de novas palavras que ao serem empregadas cotidianamente, tornam-se irreverentes, costumeiras utilizando em seu vocabulário metáforas, arcaísmo, onomatopeias, metonímias e em algumas situações, o estrangeirismo. Oliveira (2009) ressalta que

A gíria nos ajuda a definir melhor determinados termos, coisas, situações, sentimentos. É como se a língua não possuísse o vocabulário suficiente para exprimir algo que desejamos e, portanto, seria necessário “reinventar” as palavras (OLIVEIRA, 2009. p. 89).

Desta forma, a gíria se torna importante para os seus falantes. Em certas situações, a gíria se torna o meio de expressão mais rápido, fácil e compreensível por parte destes que as outras formas de linguagem se tornam difíceis e inacessíveis.

Uma outra linguagem usada continuamente pelas pessoas é o bordão surgido dos meios de comunicação. Originado como influência da televisão, ele torna-se fácil e frequentemente utilizado pela população, conforme ressalta Sousa (2009) “estão literalmente na “boca do povo” e os quais influenciam a comunicação de crianças e adultos”.

Reis (2011) afirma que “essa utilização linguística dos bordões não deve ser desprezada, dada a importância social e cultural que a TV tem hoje, dentro da sociedade brasileira”. A maior parte da população possui televisão e com isso, se torna mais fácil de ser difundido um bordão, sendo que esta, por sua vez, torna-se um contato com outras culturas, pessoas, estilos de vida diferentes e maneiras de falar de pessoas fora do convívio do telespectador. Sá; Pereira (2017) abordam que

Os bordões estão em diversos tipos de programas, todavia, estão predominantemente nas telenovelas. Eles são criados pelos autores ou até mesmo pelos autores, pois os próprios atores têm relativa liberdade em escolher bordões coerentes com seus personagens (SÁ; PEREIRA, 2017, p. 3).

Os bordões têm a finalidade de chamar a atenção do público em relação a um personagem e fixar sua existência através de uma expressão curiosa e inédita, sendo de fácil interpretação e, podendo ser empregada nas situações corriqueiras ou aproximadas de onde foi surgida.

Já Reis (2011) aborda que “vulgarmente um bordão seja apenas característica típica de um personagem. Mas, na verdade, constitui uma forma de conhecimento do homem, das lutas e cultura de um povo”. Ou seja, a expressão já se torna parte da comunicação entre os falantes, não só de quem é telespectador, como de quem passa a ouvir continuamente.

A autora supracitada exemplifica em seu estudo, um bordão bastante conhecido e ainda hoje utilizado que é “Tô pagano!”, usado pela atriz Katiuscia Canoro do programa Zorra Total, da Rede Globo. Nesse bordão é perceptível a facilidade em seu emprego devido as circunstâncias em que ele se faz necessário.

Sousa (2009) reflete que os bordões tornaram-se conhecidos através da televisão mais que, seu surgimento se deu na época de ouro do rádio na década de 40, fixando-se nos anos 70, especificamente em 1973 com a novela *O Bem-Amado*.

Sá (2017) remete que o bordão começa a fazer parte do cotidiano do telespectador, adaptando-se facilmente às situações convenientes implicando numa importância social. Deste modo, uma determinada expressão torna-se parte diária do vocabulário de uma pessoa, mesmo que já tenha saído de moda.

Reis (2011) diz que “não há regras para criar um bordão. Quase sempre é inserido pelo autor no texto, mas muitos atores têm a liberdade para criá-los, durante o seu trabalho”. E isso se torna marca registrada tanto de um personagem como de uma época em que foi surgido e assim, ser repetidamente utilizado não fazendo parte de grupos, mas pela maioria, incluindo criança ou adulto que ouve o bordão.

Terra (1997), dentro de seu estudo, explicita que cada grupo adere a um tipo de variante e essa variante forma a identificação dos falantes e os torna inclusos, havendo troca de informações, como é o caso da gíria utilizada em alguns grupos profissionais, recebendo assim um novo codinome, Jargão. Nesse caso, ela visa à precisão técnica e, normalmente aparece também na forma escrita em publicações especializadas, conforme Terra (1997).

Segundo Reis (2011), o jargão teve seu conceito modificado desde a Idade Média, sendo comparado ao gorjeio dos pássaros e também à fala incompreensível como “*jargon*”, em francês e “*gargle*”, em inglês que correspondem a “*tagarelice*” e, logo depois, no século XVI, a palavra se espalhou para o italiano “*gergo*” ou “*zergo*”, espanhol “*jerga*” ou “*jerigonza*” e em português como “*gerigonça*”.

Neste mesmo sentido, Andriguetto (2006) ressalta que “só a partir do século XIX, com o surgimento das profissões, passou a designar as linguagens técnicas, quando grupos de novos especialistas começaram a marcar seus territórios temáticos, criando jeitos próprios de falar”. Ou seja, nomeando-se como uma gíria profissional, tendo por função incluir somente quem faz parte daquela classe profissional.

Bechara (2011) define jargão como “linguagem peculiar determinados grupos sociais” e Rocha (1996) também o conceitua como “1 Língua ininteligível. 2 Vocabulário peculiar, especializado, de uma classe ou profissão.” Os dois autores observam o jargão como expressão particular de um grupo profissional e que, cada grupo tem seu próprio jargão a ser utilizado.

Duarte (2017) atribui que o significado de Jargão está relacionado “ao profissionalismo, caracterizando um linguajar técnico. Representando a classe, podemos citar os médicos, advogados, profissionais da área de informática, dentre outros”. Essa variante é específica de grupos restritos, não utilizada em locais ou situações inapropriadas.

Andriguetto (2006) afirma que o “jargão é, em primeira análise, terminologia utilizada em linguagens ligadas às atividades profissionais”. Ou seja, ele é empregado na facilidade de comunicação entre uma categoria profissional e seu uso perde o sentido se empregado fora daquele ambiente e se for utilizado em conversas espontâneas com falantes que não fazem parte do âmbito profissional.

A autora supracitada remete a existência dos jargões desde os séculos passados, como a linguagem dos funcionários públicos, do médico, dos burocratas e da diplomacia, pedreiros, limpadores de chaminé, atores e outros e ainda sua crescente propagação no industrialismo na época.

2.5 ESTUDOS SOBRE O LÉXICO

2.5.1 Conceitos e Formação

A mais importante ligação entre uma sociedade e seus indivíduos se dá por meio da comunicação, seja ela oral ou escrita. O que seria da oralidade sem as entrelinhas? As palavras assumem total e infindável importância dentro da linguagem. Elas estabelecem um elo consistente entre seus falantes e o meio que os cerca, formando uma cadeia informativa de troca e recebimento de palavras, frases e/ou textos buscando conectar tudo e todos.

Paula e Gonçalves (2017) afirmam que “um elemento importante à aquisição da linguagem é a constituição do léxico”. Ou seja, o falante possui a capacidade de adquirir novos itens lexicais e incorporar aos que já possui em seu acervo ampliando assim, o seu processo de interação comunicativa.

Segundo Pacheco (2017):

O léxico é uma espécie de acervo de palavras de uma língua, configurando-se, portanto, como um dos responsáveis por abrigar e representar o patrimônio cultural de um povo. Os falantes de um idioma não são capazes de dominar completamente o léxico de sua língua materna. Isso porque a mutabilidade do léxico, sua principal característica, é uma barreira para que isso aconteça (PACHECO, 2017. S/p).

A autora supracitada enfatiza que o léxico é peça fundamental na questão cultural dos usuários de uma língua, haja vista que, um povo é reconhecido primeiramente pelo signo linguístico que utiliza, dando a entender em que lugar seu integrante nasceu, onde mora, suas influências idiomáticas, sociais e culturais e,

sendo assim, o léxico vem a ganhar amplitude em relação ao seu domínio vocabular.

Sobre esse olhar, Antunes (2012) reflete essas palavras que denominam o léxico de uma língua em que, “numa definição mais geral, pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para às suas necessidades de comunicação”. A autora encandeia o léxico como um amplo elemento da língua junto à gramática, especificando à morfossintaxe e à fonologia.

O léxico é definido por Cunha e Ferraz (2017) como “um conjunto aberto de unidade lexicais de uma determinada língua que está à disposição do falante para que este possa se expressar”. Ao que se refere conjunto aberto, as autoras esclarecem que o acervo lexical está em constante expansão e modificação, por ter um estilo intrínseco à língua utilizada.

Bertin; Borgatto e Marchezi (2006) identificam o léxico como “o conjunto total de todas as palavras existentes em uma língua”. Da mesma forma, Bechara (2011) define o léxico como “adj. 1. Próprio das palavras ou concernente às palavras; lexical: análise léxica. s.m. 2. Conjunto dos vocábulos de uma língua ou de um texto; vocabulário”.

Os autores supracitados concordam que a composição do léxico forma uma língua, sendo que, sua função é abranger e facilitar a comunicação entre os usuários da mesma, formando uma estrutura lexical capaz de se fazer compreendida pelos locutores.

Vanoye (2007) destaca o termo léxico “para designar o conjunto de palavras de uma língua peculiar a um grupo social ou a um indivíduo”. Seu conceito vai muito além de acervo amplo de uma língua, ele corresponde ao cúmulo de léxicos de cada falante no seu emprego particular dentro da comunicação.

Guerra e Andrade (2012) remetem o conceito de léxico ao encadeamento de conceitos que o envolve dentro do ambiente em que o falante convive e que isso vem a influenciar o seu enriquecimento lexical conforme seu crescimento, ou seja, “o meio social tem papel relevante no processo de ensino e aprendizagem”.

As autoras supracitadas embasam ainda que “é na experiência cotidiana, em meio à realidade sócio-cultural, que o indivíduo armazena na memória novas palavras em seu acervo lexical individual”. O falante começa o processo de

registrar as palavras dominando assim, a aprendizagem de sua língua utilizando-a de forma espontânea e esse processo é contínuo durante toda a sua existência.

De acordo com os estudos de Vilela (1994), o léxico é compreendido como:

A totalidade das palavras duma língua, ou, como o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística, acerca das propriedades lexicais das palavras [...] propriedades fonético-fonológico-gráficas, propriedades sintáticas e semânticas[...] (VILELA, 1994. p,10).

O léxico vem de certa forma configurar uma determinada língua pois, é nele e através dele que perpassam as transformações sociais, políticas, econômicas ou culturais. E este ainda tem três possibilidades para a adaptação às novas situações como câmbios semânticos, empréstimos e formação de novas palavras a partir de outras já existentes na língua, como garante Vilela (1994).

Guerra e Andrade (2012) afirmam que o “vocabulário é o conjunto de palavras que o locutor utiliza no momento num ato de fala precisa”. O locutor dispõe de um acervo lexical individual, podendo usá-lo em seu contexto, conforme a sua necessidade.

O vocabulário é sempre uma parte do léxico individual e este faz parte do léxico num sentido mais amplo, o global. O léxico global compreende o conjunto de palavras vigentes ou circulantes num determinado momento sócio-histórico (Guerra; Andrade, 2012, p. 233).

Seide e Hintze (2015) identificam o léxico como uma figura de “análise de extrema importância tanto para a compreensão do funcionamento do sistema linguístico (quer do ponto de vista sincrônico, quer do diacrônico), quanto para a compreensão do processo de produção cultural”. O léxico é um fruto adquirido por meio da existência humana, é algo duradouro repassado e ampliado conforme a vivência do falante dentro de sua comunidade linguística. Borgatto, Bertin e Marchezi (2006) abordam que

Toda língua sofre influências de outras línguas. Com o português do Brasil não é diferente, pois nosso léxico contém palavras incorporadas ou modificadas do francês, do italiano, do árabe, do japonês, do inglês, bem como das originárias línguas africanas e das línguas indígenas (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2006, p.67).

As autoras supracitadas conferem que no português brasileiro, a maioria das palavras advindas de outras línguas são estão tão bem empregadas que, ao fazer

uso dela, o falante nem percebe a sua origem estrangeira e nem a distinção entre as palavras, ou seja, se em tal frase todas as palavras são de origem grega, latina, ou se todas fazem parte de um emaranhado de línguas.

Paim (2017) afirma que “o campo lexical de uma língua pode apresentar papel importante em termos de variação e mudança linguística, podendo-se, assim, encontrar nessa esfera uma grande variedade regional e sociocultural do português do Brasil”. Desta forma, a diversidade lexical brasileira torna-se bastante ampla no que se refere aos estudos sociolinguísticos.

Ilari e Basso (2011) conferem que no português brasileiro o léxico abrange o uso corrente de cerca de sessenta mil palavras. E esse número, ainda conforme os autores supracitados, refere-se aos usuários de português brasileiro em seu grupo social, pois o vocabulário de domínio de cada falante e como o interpreta é somente uma parte de todo o léxico da língua portuguesa brasileira, sendo que este é amplo e já passou por diversas variações em seu uso frequente.

Analizado do ponto de vista histórico, o léxico do português brasileiro aparece como o resultado de um longo processo, no qual muitas palavras antigas se perdem ou só sobrevivem com novas funções e novos valores, ao mesmo tempo que novas palavras vão sendo constantemente criadas (ILARI, BASSO, 2011. p,134).

Conforme Vilela (1994), “o léxico do português atual é o resultado do fio condutor essencial, o que provém do latim, e de vários elementos, onde há empréstimos múltiplos e variados condicionamentos sócio-culturais”. O referido autor descreve essa origem aludindo sua formação por importantes elementos de idades e origens distintas, citando o latim – latim vulgar ou latim coloquial tardio-, e outros idiomas existentes que antecederam a romanização.

Seguindo essa linha de pensamento, Ilari e Basso (2011) complementam o entendimento do processo lexical português brasileiro citado por Vilela (1994) mencionando quatro conjuntos de palavras e expressões:

“a) **as que remontam ao latim vulgar**, como resultado de seu desenvolvimento fonético; b) **os empréstimos** recebidos das línguas com que o português teve contato; c) **palavras eruditas**, tiradas do latim e do grego clássicos; d) **as criações vernáculas**, isto é, palavras no interior da própria língua com base em palavras preexistentes (ILARI, BASSO, 2011. p,134).

Os autores supracitados adentram esse processo embasando as influências indígenas e africanas durante o período Brasil-Colônia que serviram de grande valia na derivação de novas palavras e/ou outras que tiveram sua estrutura original mantida sendo, até hoje, empregadas no cotidiano do falante do português brasileiro, como exemplos citados têm-se *mandioca*, *surubim*, *surucucu* (origem tupi) e *angu*, *milonga*, *mocambo* (origem africana).

Estas mesmas palavras não se encontram no português de Portugal advindo na época colonialista, até porque diferente do Brasil, Portugal, por razões históricas, nunca recebeu em seu território influências dos povos indígenas e africanos, como afirmam os estudos de Terra (1997).

Ainda sobre o período Brasil-Colônia e as diferenças entre os falares do português de Brasil e do português de Portugal, Antunes (2012) corrobora que:

[...] são mais facilmente percebidos no âmbito da pronúncia das palavras ou da sintaxe das construções. Pouco nos damos conta da natureza indiciadora do léxico. Pouco nos impressiona o fato de que existe uma grande relação de palavras que poderiam ser apontadas como *tipicamente brasileiras* ou, igualmente, *tipicamente portuguesas*, pois representam ‘matrizes cognitivas’ de espaços socioculturais também *tipicamente organizados nesses territórios* (ANTUNES, 2012. p, 46).

Sobre De acordo com Antunes (2012), “o repertório lexical que manejamos, as escolhas lexicais que fazem nossas preferências constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento aos grupos onde tecemos nossa identidade”. A procedência de uma comunidade de falantes se dá pela riqueza expressa na linguagem utilizada por estes.

O léxico expressa muito mais que estruturas a serem compreendidas, ele denota claramente a entonação, a combinação, a interação, a origem do usuário da língua e, fortifica o vocabulário lexical dentro do meio onde está sendo empregado e é nesta concepção que Seide e Hintze (2015) ressaltam que o léxico vem a ser o “espólio mais duradouro do saber humano, por meio do qual o significante e o significado se enfrentam e dialogam para a materialização elementar da ideia e da referência”. Deste modo, Clarindo e Mesquita (2012) abordam também que:

O léxico reflete numa transformação social, portanto pode-se dizer que o mesmo pode ser considerado como uma classe de palavras aberta, onde está sempre incorporando novas formas, novos itens lexicais, novas formas de expressão (CLARINDO, MESQUITA, 2012. S/p).

Segundo os autores supracitados, o léxico é heterogêneo possuindo a possibilidade de ampliar, agrupar e adicionar outras unidades, afim de que haja um melhoramento na comunicação de um determinado grupo ou sociedade.

Vilela (1994) corrobora que “[...] o léxico de qualquer língua apresenta estruturas lexicais e determinadas relações que lhe conferem (uma certa) sistematicidade: o léxico não é uma lista de exceções [...]”. Em outras palavras, o conjunto lexical possui regras ao serem pronunciadas, mesmo que o falante não perceba mas, sempre segue o modelo que lhe é colocado para que a informação a ser repassada possua um grau de concordância.

Conforme Paim (2017), o léxico “permite verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, porque mostra a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém”. O léxico vem, segundo a autora, refletir e mostrar como é a vida que uma determinada povoação leva a partir da forma como ela se expressa.

Cunha e Ferraz (2017) ressaltam que “o léxico de uma língua exerce um papel fundamental no mundo, pois constitui-se como uma forma de registrar o universo”. Ou seja, todos os seres humanos fazem parte de uma interação comunicativa, seja ela verbal ou não, o léxico sempre estará presente tanto na fala, escrita ou em forma de sinais.

As autoras supracitadas embasam ainda que “ao compreender que o léxico é a primeira etapa do percurso científico do ser humano com o universo, automaticamente o homem classifica, identifica semelhanças e discrimina traços distintivos dos seres e objetos”. O falante necessita a todo momento do léxico para auxiliar na forma de entender o mundo e, em diversas situações, ele se torna o único meio de compreender seu ambiente e registrar o que acontece a sua volta.

O léxico de certa forma determina como as pessoas convivem, seu grau de escolaridade, seus hábitos e costumes, seu patamar econômico e outras características como afirma Paim (2017), “é reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual”.

Saguate (2012) reflete que é “o léxico que exprime melhor a diversidade material, ideológica e a mobilidade das estruturas sociais, através do aparecimento de novos itens ou através da atribuição de novos significados aos já existentes”. A língua renova-se constantemente e, é imprescindível uma atenção aos novos

vocábulos em como serão e de que forma serão empregados para que não se tornem palavras sem sentidos que denotem dificuldades dentro das circunstâncias.

Guerra e Andrade (2012) afirmam que “o léxico pode ser entendido enquanto sistema aberto e em constante expansão”. Ou seja, o locutor tem conjunto completo de palavras ao seu dispor, podendo utilizar da maneira que melhor lhe convém dadas as circunstâncias que lhe são colocadas. Todo e qualquer falante possui um vocabulário próprio, mesmo que fale a mesma língua que a maioria dos outros falantes, ele tem a sua própria forma de se expressar e repassar a mensagem.

2.6 EXPRESSÕES POPULARES: COMO SURGEM

Para atender as distintas necessidades de expressão comunicativa, novas palavras ou expressões vão sendo criadas tanto na ciência da linguagem como no cotidiano. Essas necessidades advém da influência social, econômica, etária e cultural dos falantes.

Cunha e Ferraz (2017) ressaltam que dentro do processo de criação do léxico de uma língua, existem “muitas unidades neológicas em nossa língua”. Essas unidades contribuem de certa forma, para a estrutura do português brasileiro e que são ocorrentes como bastante fluência na língua.

Bertin; Borgatto e Marchezi (2006) elucidam curiosamente suas observações no uso da língua que “é o emprego de palavras em situações diferentes daquelas em que normalmente são usadas. São palavras já existentes na língua, cujo significado é mudado ou adaptado para um novo uso”.

As autoras supracitadas confirmam tal citação mostrando em seus estudos um exemplo nítido dessas expressões situacionais: “A mulher estava vestindo uma blusa muito cheguei”.

No exemplo acima, a palavra cheguei (conjugada do verbo chegar), toma como sentido dentro do enunciado a referência da cor destacável da blusa da pessoa dentro do ambiente.

Segundo Prado e Batista (2011), as “expressões populares usadas com frequência, muitas vezes, não têm sequer sua origem definida e são faladas por culturas distintas mundo a fora”. Tais expressões são trazidas por pessoas

advindas de outros lugares, tanto do Brasil, como fora dele e, pelo fato de serem utilizadas, já ganham espaço dentro do acervo lexical do falante brasileiro.

Dessa maneira, é possível observar a respeito das expressões populares, de acordo com os postulados de Prado e Batista (2011) que:

Elas independem de classes sociais, idades e estão na ponta da língua de pessoas do mundo inteiro. Suas origens são variadas e, muitas vezes, incertas. Mas o certo é que os ditados populares ou provérbios resistem ao tempo, às mudanças tecnológicas e ao desenvolvimento científico porque produzem, de forma simples e direta, o que há de mais expressivo em relação aos sentimentos e ideias humanos (PRADO; BATISTA, 2011, p. 40).

Ao fazer uso dos ditos populares, o locutor não necessita pertencer a uma classe social, ter escolaridade suficiente ou não e depender ainda do lugar onde vive. Cada pessoa utiliza conforme o contexto que necessita em empregar tais expressões.

Schmitz (2014) também refere a origem das expressões populares de “diferentes nacionalidades (franceses, italianos, árabes, indianos, chineses e luso-brasileiros, entre outros), de temas variados, alguns irônicos, outros irreverentes e ainda outros perspicazes com respeito à nossa vivência cotidiana”. Por haverem inúmeras expressões populares, os falantes podem usá-las de forma bastante simplificada conforme a ocasião pedinte.

Oliveira (2009) nomeia as expressões populares como provérbios e os conceitua como “pequenos ensinamentos de origem popular, transmitidos através do tempo, que de uma maneira bem resumida expressam valores ou regras válidas para certas comunidades”. Ou seja, elas revelam sabedoria sendo repassada de pai para filho, vizinho para vizinho e assim por diante.

A autora supracitada afirma ainda que algumas expressões populares podem ter surgido das fábulas, em que os animais têm o poder de fala e o comportamento humano. Sempre no final das fábulas, há um ensinamento breve conhecido por moral sobre o assunto abordado na mesma e, por vezes é tão conveniente em determinadas situações que, acaba sendo incorporada no cotidiano sem dificuldade alguma.

Um exemplo a ser citado por Oliveira (2009) é “Mãe coruja”. O sentido desse dito provém da fábula “A coruja e a águia”, que traduzido nos dias atuais remete que a mãe coruja é aquela mãe carinhosa que olha para o seu filho e, esta fábula

originou também outro dito popular: “Quem ama o feio bonito lhe parece”. Esses dois exemplos são encaixados nas diversas situações corriqueiras do dia-a-dia.

Nesta mesma concepção, Prado e Batista (2017) confirmam que “na realidade, são espécies de fábulas resumidas a uma frase, que, por sua vez, costuma traduzir as situações humanas à perfeição, de forma clara e simples, de maneira que todos possam entendê-la”.

Oliveira (2009), Prado e Batista (2017) remetem o surgimento das expressões populares através das fábulas, por estas possuírem estruturas e vocabulário simples e entendimento fácil, podendo serem usadas e adaptadas no dia-a-dia.

Vasconcelos (2004) revela que há uma integração na cultura de um grupo social quando seus membros produzem a comunicação, tendo a necessidade de haver a educação para aprender o respeito pelo modo de como as classes populares comunicam entre si. Há certas situações em que o emprego das expressões populares não são bem recebidas por outras pessoas que não as utilizam.

Prado e Batista (2017) ressaltam que o ditado popular ou provérbio é uma frase de caráter popular, com texto mínimo, de autor geralmente anônimo, e que se baseia no senso comum de um determinado contexto. Há muitas expressões populares que ao serem pronunciadas, precisam estar de acordo com as situações em que serão empregadas, caso contrário, a comunicação se torna desconexa.

Segundo as autoras supracitadas, “entre ditados, provérbios e expressões típicas, fato é que esse tipo de linguagem ainda continua sendo muito utilizada, porque se baseia em conceitos elementares, dos sentimentos mais comuns e mais representativos da raça humana”. Com o avanço da tecnologia e novas formas de interação social, os falantes ainda sim, empregam os ditos populares pois, estes são fáceis de serem compreendidos e ainda podem servir como justificativas para determinada ocasião. Vasconcelos (2004) cita que

As expressões populares, representativas da diversidade linguística, são marcas da linguagem popular que, apesar de não se encaixarem nos padrões de norma culta de nossa língua, atuam como elos de ligação a tradições locais, ritos culturais que a comunidade, de modo instintivo, busca preservar por sentir que a língua constitui, dentre tantos, um importante fator componente da identidade social de cada indivíduo (VASCONCELOS, 2004, p. 76).

Essas expressões inseridas na linguagem cotidiana, não recebem regras gramaticais como a linguagem escrita, como são espontâneas, ficam incorporadas no sentido de que “tudo vale na fala” ou “o que importa é se a mensagem foi entendida” e, assim novas expressões vão sendo criadas. É nesse ponto de vista que Prado e Batista (2017) ressaltam que essas expressões aplicadas a diversas culturas, tempos e circunstâncias, foram adaptadas a era digital e cada vez mais, novas frases populares sofrem modificações e aprimores para atender a lógica de dispersão como de usabilidade, exemplo disso foi a modificação do dito “A pressa é inimiga da conexão”.

Outro fator a ser mostrado por Borgatto; Bertin e Marchezi (2006) são os chamados empréstimos ou estrangeirismos. Estes por sua vez contribuem para a expansão do léxico. “Trata-se do uso de palavras de línguas estrangeiras que, aos poucos, passam a fazer parte da comunicação entre usuários da língua portuguesa”.

As autoras supracitadas até se referem a essas contribuintes como “aportuguesadas”, utilizadas tanto na pronúncia ou na escrita e até tomam como exemplos as palavras “videokê”, “shopping”, “show” entre outras. E toda essa contribuição provém do contato um tanto fácil do falante com a tecnologia.

2.7 ADEQUAÇÃO VOCABULAR

Todo falante do português brasileiro possui um jeito de se comunicar e de empregar sua expressão linguística em qualquer circunstância devido a adequação ao contexto de comunicação. A respeito disso, Hartmann e Santarosa (2012) embasam que

Do lugar social que ocupa, no momento histórico em que vive, de acordo com seu interlocutor, de acordo com o que tem a dizer e com as razões para dizer, o autor escolhe, entre as alternativas que a língua lhe oferece, aquelas que julga mais conveniente (HARTMANN; SANTAROSA, 2012. p. 62).

Os autores supracitados explicam que o falante condiciona a forma linguística ao contexto em que se encontra inserido, seja em casa com a família, no trabalho, na igreja e assim por diante para que não haja um certo conflito ou vazio na troca de diálogos. Ambos autores elucidam ainda que, “chamamos os sujeitos envolvidos no processo de produção verbal de interlocutores”. Seja em qualquer

lugar ou tempo em que vivem, esses interlocutores determinam um contexto aos enunciados que produzem.

Oliveira (2017) ressalta que não é tarefa fácil exercer a adequação vocabular e que, há uma verdadeira inadequação vocabular pois, “a habilidade para empregar adequadamente o léxico, objetivo que – na opinião dos poucos que o tentam é um dos mais difíceis de conseguir”. Essa dificuldade pode ocorrer pelo fato de que o falante não tenha tido aquela preparação gramatical ou linguística suficiente na sala de aula ou então, as influências e os hábitos linguísticos das variações de seus grupos sociais que não abriram espaço para que este tivesse contato com outras formas de linguagem.

A maior parte dos casos de impropriedade está ligada a problemas semânticos e fazer semântica é como medir o volume de uma nuvem. Pela própria natureza do seu objeto de estudo, dificilmente o semanticista consegue o mesmo grau de objetividade que o sintaxista, por exemplo (OLIVEIRA, 2017. p. 51).

O autor supracitado remete essa impropriedade em cima de alguns fatores contribuintes como substituição de palavras, criação de neologismos inadequados, confusão e redundância no vocabulário, entre outros.

Leite; Fávero e Silveira (1985) ressaltam que o vocabulário lexical “é vasto e as palavras, até mesmo as que parecem monolíticas, podem apresentar facetas diferentes, dependentes do contexto”. As palavras ganham sentidos diferentes quando empregadas nas variadas situações e é necessário que, o falante saiba adequar as mesmas para que sua transmissão de informações não se torne inválida.

Sobre essa transmissão de informações, Vanoye (2007) destaca que há um reconhecimento e uma certa dificuldade por parte dos interlocutores em como utilizar a palavra e seu sentido pois, “este sentido depende frequentemente de fatores pessoais e sua transmissão necessita de outras palavras (sinônimos ou definições) que, por sua vez, têm sentidos diferentes de pessoa para pessoa”.

Por sua vez, Bagno (2009) aborda que “qualquer falante de uma língua é o melhor gramático que existe”. Pois, ninguém como o próprio falante nativo de sua língua consegue entender com exatidão o funcionamento lexical, mesmo não sabendo apontar seu norteammento teórico e esse conhecimento linguístico que esse falante possui de sua língua é um conhecimento intuitivo.

Diante do exposto, faz-se necessário elencar várias manifestações teóricas sobre o léxico em evidência nos discursos orais e escritos, conforme tópico a seguir.

2.8 O LÉXICO NOS DISCURSOS ORAIS E ESCRITOS

A questão de como utilizar as palavras de forma correta na língua falada e escrita é uma tarefa atenciosa por parte do falante. Colocar o que se pensa ou o que se fala nas entrelinhas, pode parecer um desafio intenso tanto para aquele que está habituado no treino da escrita, quanto para aquele que não tem afinidade. Antunes (2005) reflete que “escrever é uma atividade que envolve, além das especificidades linguísticas, outras, pragmáticas”, ou seja, percebe-se que língua e escrita estão relacionadas, é uma sequência, uma ligação. “Escrever se constitui uma atividade interativa, contextualmente situada e funcionalmente definida, é natural que cada texto seja marcado pelas condições particulares de cada situação (ANTUNES, 2005. p.33-34).

De acordo com Vanoye (2007), “a língua portuguesa comporta duas modalidades: o português escrito e o português falado. Num mesmo nível, as duas não têm as mesmas formas, nem a mesma gramática, nem os mesmos “recursos expressivos”. Há uma completa distinção entre elas, pois, a língua falada possui seu significante formado por fonemas e a língua escrita, por sua vez, tem como recurso os signos gráficos ou grafemas, conforme cita o autor.

As duas línguas, escrita e falada, não marcam, do mesmo modo, certos traços gramaticais. A gramática do português falado apresenta características específicas identificáveis através de estudos estatísticos. [...] o exame de gravações de língua oral permite constatar que a frequência de emprego de certas formas ou construções gramaticais é bem maior na língua falada do que na escrita (VANOYE, 2007. p. 36).

O autor supracitado toma como base de sua concepção alguns exemplos correntes na língua falada como o uso de onomatopeias, abundância na repetição de palavras, anacolutos, frases inacabadas, pouco emprego de tempos verbais dentre outros.

De um outro ponto de vista, Antunes (2005) aborda que “a escrita também guarda dependências em relação à própria fala. Falando, ouvindo, lendo ou

escrevendo, os sujeitos realizam uma atividade de interação verbal". Mesmo que as duas modalidades possuam formas distintas, uma consegue dar suporte para a outra por parte dos falantes envolvidos no intercâmbio comunicativo.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 TIPOS DE PESQUISA

Para a realização deste trabalho, foi empregada primeiramente a pesquisa bibliográfica pois, é de suma importância, um embasamento teórico em relação ao tema escolhido, sendo ainda, crucial as concepções sobre o assunto sob o ponto de vista de grandes teóricos e estudiosos. Esta ainda se destaca como um ponto de partida em busca de informações concretas sobre tal tema. Como prova disso, Marconi e Lakatos (2011) afirmam que

A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com métodos de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar repostas para questões propostas, utilizando métodos científicos (MARCONI; LAKATOS, 2011. p. 43).

Pádua (2002) atestam que a pesquisa bibliográfica se baseia nos conhecimentos acerca de documentação e bibliografia, tendo por finalidade colocar o pesquisador em contato direto com os embasamentos teóricos já registrados dentro do tema pesquisado aprofundando assim, um conhecimento mais claro sobre tal.

Um outro tipo de pesquisa que compõe um trabalho científico é a pesquisa de campo que, após o estudo bibliográfico leva o pesquisador a um conhecimento minucioso sendo que, nesta etapa será mostrado o objetivo primordial do tema, bem como ressalta Ruiz (1979), "a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises".

Conforme Pádua (2002), a pesquisa de campo "serve para designar o local onde ela se desenvolve, a partir de sua característica básica, que é o controle de variáveis, com base no referencial teórico de cada área do conhecimento". Tal

pesquisa vem mostrar claramente como o pesquisador consegue obter as informações necessárias dentro do trabalho de forma comprobatória através de fatos reais.

A pesquisa de campo envolve a pesquisa qualitativa que é outra investigação como forma de conhecimento esmiuçador desta, conforme ilustram Dias e Silva (2010):

A pesquisa qualitativa envolve o uso de dados qualitativos obtidos em entrevistas, documentos e observações para a compreensão e explicação dos fenômenos. As pesquisas qualitativas podem ser encontradas em muitas disciplinas e campos, usando uma variedade de enfoques, métodos e técnicas (DIAS; SILVA, 2010. p. 46).

Os métodos utilizados nesta pesquisa levam o pesquisador a ficar em contato direto com o objeto a ser estudado e um dos artifícios cruciais nesta pesquisa é a oralidade. Através dela, o conhecimento é adquirido com certa facilidade e há uma intimidade maior entre o pesquisador e o participante. Estes métodos ajudam o pesquisador a compreender as pessoas e os contextos sociais e culturais em que elas vivem (DIAS; SILVA, 2010. p. 47).

O último método a ser desenvolvido para o enriquecimento desta monografia foi o estudo de caso. Este tipo de pesquisa leva o pesquisador a enriquecer sua formação acadêmica, possibilitando um conhecimento mais abrangente do contexto. É o que ressalta Pádua (2002), "transforma-se em um novo momento de aprendizagem, o que torna mais dinâmico, rico e desafiador o projeto de pesquisa".

3.2 COLETAS DE DADOS

Nesta pesquisa, o registro de dados foi coletado a partir de entrevistas realizadas com o auxílio de gravador com os participantes da localidade. A entrevista, conforme cita Ruiz (1979),

Consiste no diálogo com o objetivo de colher, de determinada fonte, de determinada pessoa ou informante, dados relevantes para a pesquisa em andamento. Portanto, não só os quesitos da pesquisa devem ser bem elaborados, mas também o informante deve ser criteriosamente selecionado (RUIZ, 51. p. 51).

Ao se colher informações para o conteúdo de um trabalho de campo é essencial que o entrevistador tenha em mente que, todo participante trará um

material rústico e, é dever do pesquisador dar um atenção clara, lapidando de certa forma o material colhido, pois este é servirá como o fastígio de seu trabalho.

Deste mesmo modo, Pádua (2002) ressalta que uma das técnicas ao realizar um entrevista é coletar dados que ainda não foram coletados sobre um determinado tema. Desta maneira, o pesquisador terá a oportunidade de mostrar ao público um trabalho novo e diferente de outros já existentes.

3.3 AMBIENTE DA PESQUISA

O lócus da pesquisa ocorreu na comunidade Pixuna do Tapará, região ribeirinha situada à margem esquerda do rio Amazonas, distante a quinze (15) quilômetros do município de Santarém-Pa. A primeira referência escrita da qual se tem notícia com relação à fundação da comunidade é relatada pelos antigos moradores. Os mesmos afirmam que no ano 1880 à 1888, após a revolução dos escravos, surgiram três famílias consideradas fundadoras - Beato, Alcântara e Vieira - cujos descendentes permanecem até hoje na comunidade.

Pixuna, nome da comunidade, surgiu devido à grande quantidade de árvores chamadas de Pixuneiras existentes na época, que produziam pequenas frutas pretas de gomos doces chamados "cabeça de negro". Pixuna também quer dizer "negro". Os primeiros habitantes do lugar já tinham a preocupação em dar um nome à comunidade e então a mesma ficou conhecida como Pixuna do Tapará.

As famílias da época tinham como meios de transporte a canoa à vela e o remo, sobreviviam do cultivo da mandioca, cacau e da cana de açúcar da qual era produzido o açúcar moreno, nome batizado pelos antigos e do plantio da juta, malva da qual se extraíam fibras resistentes passadas por processos manuais e vendidas aos feixes na cidade de Santarém.

A pesca constituía o segundo meio de subsistência, cujo principal peixe a ser pescado com frequência era o pirarucu. Este peixe era vendido também em Santarém e, além deste, as famílias vendiam lenha para os navios que ancoravam no porto da família Alcântara.

Suas casas eram revestidas de barro amassado e palhas. A fonte de luz à noite era improvisada com lamparinas de querosene, fabricadas pelas próprias famílias. O único meio de comunicação utilizado pelos moradores da época eram

os recados levados de "boca a boca". As rádios ouvidas eram Rádio Riomar de Manaus, Rádio Rural de Santarém e Rádio Clube do Pará.

O meio de diversão destes habitantes eram serenatas com pandeiros feitos de couro de calango e de preguiça e outros instrumentos artesanais e os costumeiros jogos de bola. Havia ainda uma única parteira na comunidade, muito procurada por seus serviços, chamada Ena Ferreira. Todos os nascidos desta época nunca nasceram em hospitais.

Com o passar dos anos, a comunidade de Pixuna obteve um significativo crescimento populacional. Além do aumento das três famílias, a vinda de outras famílias originadas de localidades adjacentes em busca de melhores formas de sobrevivência através de novas plantações nas terras pixunenses, boa pesca e também em busca de refúgio do fenômeno "terras-caídas", muito frequente na região onde situa-se a comunidade.

A partir dos anos de 1970 já existiam dezessete famílias e então começou a surgir a preocupação de como organizar a comunidade, que até então era conhecida como vilarejo e a única da região que ainda não possuía organização comunitária. Nesta década, a organização da comunidade se deu primeiramente pela fundação da Igreja Católica e o Primeiro Acordo de Pesca, depois o surgimento da Escola Primária através da Professora Maria das Graças Alves Rodrigues, descendente da Vila de Arapiuns.

A escola surgiu através do MEB, programa criado pela Rádio Rural, em que os moradores se inscreviam na rádio e todas as noites estudavam ouvindo as aulas repassadas pelo programa e este tinha a preocupação em organizar a comunidade, e tinha como supervisor Norberto Pinto, filho da Região de Arapixuna. Devido ao aumento de alunos, houve a contratação da professora Ester Carneiro de Carvalho. As duas professoras trabalharam até a sua aposentadoria em 1998 e logo depois, outras professoras vieram lecionar na comunidade. Na época havia um comissário de polícia chamado Deusdeth Sousa, que foi escolhido por ter mais conhecimento entre os moradores.

Desde então, outras organizações sociais e religiosas surgiram na comunidade como a Associação Comunitária (ASCOPPT), Sindicato dos Trabalhadores, Clubes de Futebol (São Paulo, São Francisco, Cruzeiro F.C), Conselho Escolar, Igreja Católica Nossa Senhora Aparecida, Igrejas evangélicas

Cristo é Vida e Assembleia de Deus, Clube de Mães, Conselhos de Pesca e Núcleo de Base Z-20.



Figura 1 – Escola Nossa Senhora Aparecida. Fonte: Armando Carvalho (2016).

Hoje a comunidade é composta por 86 famílias, 288 habitantes. Com relação a infraestrutura, houve um certa evolução. As casas são assoalhadas, cobertas de telhas e madeiras resistentes, com sanitários compostos de pedras, usam ainda filtros bioativos, uma espécie de caixa de concreto onde a água passa por um tratamento para depois ser ingerida.

Existem ainda as três igrejas, barracão comunitário, escola, casa de farinha, pequenos comércios, conhecidos como "tabernas" e todas possuem eletricidade através de motores de luz e placas solares. A saúde na comunidade sempre foi precária e é composta por uma agente de saúde (ACS).



Figura 2 - Pesca comunitária. Acervo pessoal.

O artesanato era representado por abanos, tipiti, paneiros e portas de palhas. Hoje os comunitários tecem malhadeiras, crochê, bordados, corte e costuras. Os atuais meios de sobrevivências ainda continuam sendo as plantações de feijão, melancia, milho, mandioca, jerimum e a pesca de variados peixes como tucunaré, tambaqui, pirarucu, acari, curimatá entre outros, respeitando ainda os acordos de pesca da comunidade e a época do defeso.

3.4 PERFIL DOS PARTICIPANTES

A população alvo do presente estudo foram os moradores da Comunidade Pixuna, tendo como funções pescadores, lavradores e estudantes. Estes foram entrevistados totalizando 40, divididos ainda em quatro faixa etária de 6 a 12 anos, 13 a 22, de 23 a 45 anos e 26 a 60 anos. Dentre esses entrevistados, vinte foram mulheres e a outra metade, homens, todos fazendo parte da faixa etária discriminada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 EXPRESSOES ENCONTRADAS NA COMUNIDADE DE PIXUNA DO TAPARÁ

- | | |
|--|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Acendume: expressão utilizada às moças na puberdade. 2. Agasalhar: colocar. 3. Agatanhar: arranhar. 4. Amigar: relação entre duas pessoas sem ser casamento. 5. Anda ligeiro: ande rápido. 6. Apostemar: infeccionar. 7. Arpuar: fisgar o peixe (pirarucu). 8. Arrastão: modo de pesca em que uma malhadeira é colocada em um lago para capturar grande quantidade de peixe. 9. Arrebentar: bater 10. Arregaçado: rápido. 11. Arreganhar: abrir. 12. Arremedar: imitar. 13. Arreparar: olhar com cautela. 14. Arribar: ordem dada ao cachorro para latir. 15. Assanhar: se oferecer. 16. Aste: arpão de madeira resistente que possui um bico com duas pontas de ferro amarrado por uma linha que, ao lançar no pirarucu, a linha se desenrola sendo que o bico perfura as escamas e o couro do peixe, e o pescador se aproxima puxando o arpão junto com a linha já com o pirarucu fisgado. | <ol style="list-style-type: none"> 17. Até o toco: até a borda. Bastante. Cheio. Bastante embriagado. 18. Auaiú: peixe que muda sua aparência por causa das condições péssimas da água em determinada época do ano. 19. Avacalhar: bagunçar. 20. Babujo: babar uma comida ou bebida. 21. Bajara: transporte pequeno feito de madeira. 22. Balador: estilingue. 23. Baldiar: vomitar. 24. Banzeiro: maresia forte. 25. Baquiado: cansado. 26. Barrasco: porco novo. 27. Beberagem: encontro de pessoas para beber. 28. Beirada: canto; margem do rio. 29. Bendizer: quase. 30. Beroza ou berozo: desgraçada (o). 31. Bertueja: brotoeja. 32. Boca da noite: anoitecer. 33. Boiar: submergir depois de mergulhar. 34. Botada: retirada de uma parte da roça de mandioca. 35. Bote: embarcação menor e mais estreita que a canoa. |
|--|--|

36. **Botar no toco:** forçar; se esforçar.

37. **Brabo:** bravo.

38. **Brabeza:** raiva.

39. **Breiar:** colar.

40. **Bubuiar:** flutuar; pescar com malhadeira de linha grossa no rio.

41. **Bucado:** muito.

42. **Bucha:** coisa solta; parte da rabeta.

43. **Budeco:** pirarucu pequeno.

44. **Buteco:** bar.

45. **Caiu em cima da minha costa:** a culpa recaiu sobre mim.

46. **Canarana:** tipo de capim que nasce as margens do rio e na enchente serve como alimento para o gado.

47. **Casco:** embarcação pequena.

48. **Cavalhice:** traquinagem de criança.

49. **Chibé:** farinha molhada.

50. **Cobrir:** cruzar.

51. **Côcho:** manco; vasilha feita com tronco de madeira ou tábua para pôr água ou alimento para porcos ou gado.

52. **Coivarar:** arrumar o terreno para pôr fogo e depois iniciar a plantação.

53. **Coió:** vasilha feita a partir de cuia.

54. **Consertar:** massagear; emendar; remendar.

55. **Cuiantã:** menina.

56. **Cumpadre:** relação de afeto entre os homens.

57. **Cumu é?** Como é?

58. **Curumim:** menino.

59. **Cutucar:** empurrar.

60. **De primeiro:** antigamente, certa vez, há alguns anos.

61. **Desconjuro:** desdenhar.

62. **Deus a ventura:** abandonado.

63. **Deu um jeito:** pessoa que exagerou em alguma prática física e sentiu dores.

64. **Dexovê:** deixa eu ver.

65. **Dismintido:** pessoa com dores em alguma parte do corpo por causa do excesso de força; lesionado.

66. **Disque:** dizem que; esta expressão é bastante utilizada em situações de desconfiança, incerteza, despeito ou fofoca.

67. **Dorada:** peixe liso existente no rio Amazonas.

68. **Ei lá:** sei lá.

69. **Emborcar:** virar.

70. **Empachado:** estômago cheio, inchado.

71. **Encarangado:** homem carrancudo.

72. **Encarnado:** vermelho.

73. **Escadeira:** quadril.

74. **Escrutiar:** chamar a atenção; ralhar.

75. **Enseada:** ponta de um local onde ocorreu o fenômeno terras-caída.
76. **Espinhaço:** coluna vertebral.
77. **Espinhel:** linha grossa com vários anzóis grandes espalhados para pesca a pesca de peixes grandes como, pirarucu, bocó, pirarara entre outros.
78. **Entremiado:** misturado.
79. **Estribado:** com dinheiro.
80. **Faladeira:** mulher fofqueira.
81. **Fazer ata:** relatar as reuniões.
82. **Fazer tudo as carreiras:** fazer as coisas com muita rapidez.
83. **Fugueta:** menina ativa, animada.
84. **Galho fraco:** sem problemas.
85. **Gapungar:** tipo de vara com um peso ou fruta de jenipapo dura amarrada no final da linha em que, lançada no momento da pescaria emite um som na água atraindo o peixe que “imagina um fruto caindo da árvore”.
86. **Gastura:** dor no estomago; azia.
87. **Geleiro:** pessoa que vai de barco vender gelo nos portos da comunidade; grande barco que leva vários pescadores para pescar no rio.
88. **Gurita:** local de vigilância do lago.
89. **Ilharga:** perto, do lado.

90. **Intanguido:** pequeno; que não cresceu.
91. **Japá:** construção feita com palha parecido com uma casinha no meio da canoa para armazenar peixe.
92. **Jejú:** nome de peixe que respira por pulmões comum na região de várzea.
93. **Jirau:** espécie de mesa elevada feita com madeira na cozinha para lavar louças, tratar peixes entre outros; assoalho da canoa.
94. **Leproso:** no dicionário destina a doença Lepra. Há muito tempo houve vários casos de pessoas que morriam com essa doença na comunidade. E com o passar do tempo essa palavra tornou-se comum na região como forma de saudação e brincadeira entre as pessoas.
95. **Mãe da lepra:** expressão utilizada para saudar os compadres; praguejar.
96. **Manejo:** acordo; termo.
97. **Maipoca:** melancia pequena da última safra.
98. **Masvár:** espanto, admiração.
99. **Mais espera a janta...:** expressão de despedida.
100. **Mais espia:** olhe agora; surpresa.
101. **Mais olha:** admiração.
102. **Mais onde já:** negação.

103. **Mais quando:** expressão utilizada em vários contextos como negação, surpresa e espanto.

104. **Maromba:** segundo assoalho provisório feito dentro das casas na época da enchente.

105. **Marrapá:** mais rapaz (admiração, surpresa).

106. **Mais tu já pensarte?:** mais você já viu/ouviu isso?; admiração.

107. **Mais ulha!:** admiração.

108. **Minha mana:** expressão utilizada como sinônimo de carinho e afeto.

109. **Môtro/ Môstra:** grande; maior.

110. **Muito jito:** pequeno.

111. **Munheca:** pulso; cano do braço.

112. **Munjica:** caldo grosso preparado com farinha e peixe fresco ou assado.

113. **Mulecão:** aumentativo de moleque que se refere aos rapazes.

114. **Mutá:** local de agasalho a espera de peixe nos lagos.

115. **Nós butemo:** nós colocamos.

116. **Pá:** costas.

117. **Panema:** pessoa sem sorte, principalmente na pesca.

118. **Papeira:** caxumba.

119. **Paresque:** parece que.

120. **Passar a perna:** enganar.

121. **Passou lavrando:** passou perto.

122. **Passou rente:** passou perto.

123. **Pasturando:** vigiando.

124. **Pavulagem:** vaidade.

125. **Pé de cana:** alcoólatra.

126. **Pé de porrada:** briga.

127. **Peiado:** apertado.

128. **Pelutiar:** pilotar embarcação.

129. **Pemembeca:** espécie de capim que cresce nas margens do rio.

130. **Piché:** fedorento; azedo.

131. **Pinicar:** coçar.

132. **Piracaia:** comer peixe assado na beira do lago ou rio.

133. **Pirão:** farinha misturada com café; bolota feita com farinha como isca de anzol.

134. **Piraqueira:** tipo de lamparina (estilo funil).

135. **Pitiú:** fedorento; espécie de tartaruga.

136. **Pofia:** disputa; competição.

137. **Porronca:** cigarro feito de palha ou de folha com tabaco muito usado pelos pescadores para espantar carapanã no lago.

138. **Porrudo:** enorme.

139. **Pôpa:** parte frontal da canoa.

140. **Prôa:** compartimento final da canoa.

141. **Pula-cerca:** traição.

142. **Puxada:** massagem.

143. **Puxadeira (o):** pessoa que reza e massageia.

144. **Puxirum:** trabalho coletivo.

145. **Puta que pariu:** espanto; demonstração de preocupação.
146. **Quebra essa castanha pra mim:** faz esse favor.
147. **Quer só um pé:** quer um motivo.
148. **Rafião:** expressão usada para o galo na época da reprodução.
149. **Rebujo:** maresia borbulhante em determinada parte do rio.
150. **Rêgo:** pequeno caminho feito entre o capim existente nos lagos. Nesse caminho o pescador colocava a malhadeira ou adentrava para outro local de pesca.
151. **Reinar:** fazer coisa errada.
152. **Relaxada:** pessoa descuidada.
153. **Relampiar:** relampejar.
154. **Remanso:** parte do rio em que não da correnteza.
155. **Ressaca:** local baixo que reserva água dentro de uma comunidade / pequeno rio. Estado de debilitação em que fica uma pessoa depois de beber por dias.
156. **Ricardão:** qualquer homem misterioso suspeito de ser amante das mulheres casadas.
157. **Rimpar:** bater.
158. **Roçado:** roça.
159. **Sabrecar:** queimar.
160. **Sapiara:** embarcação pequena de madeira.
161. **Se ajuntar:** união estável.

162. **Sebozo:** sujo.
163. **Se esbaldando:** se aproveitando.
164. **Serenando:** anoitecendo.
165. **Si homi:** senhor; amigo.
166. **Soçocar:** fazer ruídos na pesca da tartaruga.
167. **Só o bagaço:** algo totalmente destruído.
168. **Sucuriju:** cobra-grande.
169. **Taberna:** pequeno comércio.
170. **Tacar:** jogar, pôr.
171. **Tacar fogo:** pôr fogo.
172. **Tá topado:** está acelerado.
173. **Tarrafear:** lançar a tarrafa no rio ou lago.
174. **Tá só o breu:** está muito escuro.
175. **Te aquieta:** se comporte.
176. **Te digo mesmo:** expressão empregada para confirmar uma decisão.
177. **Terçado:** facão.
178. **Teima:** discussão.
179. **Terras-caída:** fenômeno muito frequente na região do Tapará em que há deslizamento de terra às margens do rio.
180. **Teso:** rígido.
181. **Tocó:** curto.
182. **Toró:** tempestade; apelido.
183. **Tramela:** fechadura.
184. **Tuíra:** sujo.

- | | |
|--|--|
| 185. Tu já cumeu? : você já almoçou? Já jantou?
186. Tumar : beber.
187. Uma monstra : enorme; grande.
188. Um bucado : muito, bastante | 189. Um tempo desse : há alguns dias.
190. Vão : brecha.
191. Varar : chegar; ir embora.
192. Varejão : vara de empurrar. |
|--|--|

Conforme os dados pesquisados na comunidade de Pixuna, observou-se que a variação ocorrida na fala dos moradores revela a heterogeneidade da língua portuguesa e que, utilizar oralmente as expressões que não estejam no português padrão, não significa que seu português está inconveniente.

Segundo Paschoal (2008), “a linguagem é a faculdade que o homem tem de se exprimir e comunicar por meio da fala”. Ou seja, a língua constitui-se como um transporte de conhecimento humano e que através dela, a herança cultural de sua descendência é conduzida conforme sua existência.

Essa pesquisa foi realizada através de entrevistas com quarenta moradores em que, foram contadas suas situações cotidianas de forma espontânea. Desses, dez gravações foram analisadas conforme as expressões empregadas pelos mesmos. Os entrevistados serão referidos como: Morador A, Morador B e assim sucessivamente.

As entrevistas transcrevidas tiveram sua concordância e o léxico escritos de acordo com a fala dos participantes. Durante este trabalho, pôde-se notar que todas as expressões aqui pesquisadas são empregadas diariamente pelos moradores nas diversas situações sociais e elas se referem à circunstâncias, pessoas, objetos, lugares e entre outros. Tais expressões foram resultadas a partir de três fatores:

1. Nível de escolaridade;
2. Herança familiar;
3. Influência de novos moradores.

No primeiro fator, as expressões foram criadas para facilitar a comunicação entre os comunitários mais antigos que, em meados de 1880 à 1900 o acesso à escola era praticamente impossível, devido à localização da comunidade em relação à cidade e o número reduzido de pessoas sem condições financeiras.

No segundo fator a comunicação no ambiente familiar já é de grande contribuição pois, as crianças e os jovens mesmo tendo acesso à escola, têm na maior parte do dia-a-dia a convivência com seus pais e avós. Então, a linguagem que os pais aprenderam na infância devido ao primeiro fator, influenciam bastante no vocabulário dos filhos.

O último fator vem a aumentar a variação diatópica já existente na comunidade, devido a vinda de novas pessoas originadas de comunidades próximas, outras regiões e até mesmo da cidade ou outros lugares que, com a permanência na localidade, acabam por adotar as expressões existentes e empregar suas expressões particulares nas conversas rotineiras, consolidando assim, estas ao vocabulário diário da comunidade.

Por meio dessa análise, pôde-se observar que surgiram palavras novas ou já existentes mas, com novos significados conforme as suas situações cotidianas, como “baquiado” (cansado), “pá” (costas), “ilharga” (lado), “escadeira” (quadril), “puxadeira” (massagista), “consertou” (massageou) e “dismintido” (lesionado), sendo bastante empregadas pela maioria dos moradores nas faixas etárias de 23 à 45 e 26 à 60 anos em diante como na entrevista abaixo:

Morador A (48 anos): *Si homi teve um tempo desse que eu só vivia baquiado, era uma gastura na barriga, uma dor na pá e na ilharga da minha escadeira. Aí fui no dotô e não deu nada, fui na puxadeira, ela me consertou i eu tava dismintido.*

Nessas expressões segundo o ponto de vista variacionista, a estrutura das frase está válida pois, o morador conseguiu repassar uma informação pessoal ao ouvinte. Estas mesmas são empregadas em determinadas situações como a palavra ‘ilharga’, por exemplo, pode ser usada para identificar o lado físico da pessoa ou falar que, alguém ou qualquer coisa está do seu lado.

Na segunda entrevista, a informação é esclarecida de forma em que o participante fala da organização anterior e atual da comunidade através das expressões “puxirum” (trabalho em equipe) e “manejo” que conforme Bechara (2011) significa ‘manusear’ e na variação diatópica da comunidade corresponde a

‘acordo’. A concordância é utilizada conforme as informações que ele vai acrescentando no decorrer da conversa:

Morador B (36 anos): *a gente trabalhava com puxirum aqui no Pixuna com dez, vinte pessoa. Aí essas vinte pessoa, hoje a gente tira uma equipe de dez, hoje nós vamo nu meu roçado, amanhã nós vamo no teu, até que era o último. Aí voltava. De um tempo pra cá, não sei nem qual foi a época, aí acabou isso. Agora aqui trabalha a nível de associação, nós temos manejo.*

A terceira entrevista tem em seu contexto o período do inverno regional e a forma como as pessoas se locomovem durante o mesmo. A moradora ressalta o comportamento dos jovens pilotando o transporte muito comum na comunidade, a ‘rabeta’. A expressão “pofia” se remete às disputas sobre a velocidade dos motores, “mulecão” denomina aos rapazes, “até o toco” se refere a velocidade ao na competição, “bote” vem a ser o nome do transporte pequeno que comporta no máximo duas pessoas, “emborcar” está no sentido de virar e “buiar”, flutuar. Segundo Coelho et al (2015), os itens lexicais particulares e fonológicos dependem do da localidade em que estão inseridos apresentando dialetos distintos de outros locais.

Morador C (37 anos): *Minha mana na enchente não se vê ninguém remando, todo mundo de rabeta e andando arregaçado na pofia pra vê quem chega primêro e passando rente a gente. Mas esses mulecão vão até o toco, arriscado até o bote emborcar e ninguém buiar.*

Na quarta entrevista, o morador que tem por profissão pescador, narra uma pescaria em um determinado local. É possível notar que as informações destacadas empregam expressões tais como: “budeco” (pirarucu na idade jovem), “aste” (arpão) e “mutá” (local de espera do peixe). Estas são próprias daquele contexto e Coelho et al (2015) ressalta que essas marcas linguísticas caracterizam a fala de uma região, havendo uma diferenciação das demais regiões, como se pode notar:

Morador D (54 anos): *Vou contá de outra pescaria que fiz. Coloquei os ispinhel com o meu parcêru para pegá budeco. Noutro dia a gente foi pra lá, tinha pego um pirarucu e tava vivo no ispinhel, que eu fiz eu armei uma aste e arpuei o pirarucu. Tirei o anzol da boca do pirarucu e deixei o ispinhel lá no gavião. Então a gente veio pra casa, quando chegô aqui em casa, a mulher viu o pirarucu no bote e perguntô do que nós tinha pego o pirarucu. Falei pra ela que tinha pego de aste, o pirarucu tava com o arpão na costa. Aí ela não se conformou foi no bote e viu o rasgado na boca do pêxi i discubriu que o pirarucu não foi arpuado, ti há sido no ispinhel. Mais eu nunca arpuei pirarucu, nem buiado, nem no mutá, só mermu quando tá nu anzol.*

Na quinta entrevista, o participante relata a sua situação vivida na infância e nos dias atuais. Ele usa a expressão “maromba” para destacar o improvisado de madeira feito por causa do alagamento e os riscos ainda. Faulstich (2003) mostra que o vocábulo empregado nos diálogos é a unidade que compõe a língua, representando uma unidade particular com significado existente dentro do contexto:

Morador E (50 anos): *A gente morava em casa de palha, tudo palha. Quandu vinha a enchente e às vez o assoalho ía pro fundo, aí a gente fazia a maromba de imbaubeira, partia as imbaubeira no meio. Às vez a gente tava dormindo i quando a gente dava passava peixe em cima do assoalho já, cobra jacaré passavam pelo vão da porta. Às vez a gente se mudava para a casa do fulano que era mais alta e quando eu me entendi fui assim.*

Na sexta pesquisa, houve uma análise do participante do tempo em que era jovem ao tempo atual. Ele faz as devidas diferenças nas comparações usando as expressões “botava” (colocava), “curumim” (menino), “acendume” (puberdade feminina). Pode-se perceber que a comparação se utiliza de palavras como antigamente e ainda, em relação a ‘hoji’ (hoje) e ‘mudadu’ (mudado). Houve de certa forma uma compreensão na informação e para Faulstich (2003), a

compreensão é a capacidade de entender a mensagem literal contida dentro de um discurso oral.

Morador F (51 anos): *As moça de antigamente ainda eram comportada, o pai a mãe botava pra ir pro roçado capinar, carrega lenha, cuidar dos curumim pequenu, irmãos mais novo né? Hoji está tudo mudadu, as meninas não querem fazê nada, não sabi pescá, consertá uma malhadêra, uma tarrafa. Hoji só querem sabe de tá no acendume.*

O sétimo entrevistado utiliza a expressão “te digo mesmo” afirmando a ideia repassada em seu discurso sobre sua infância. Coelho et al (2015) corrobora que vocábulo empregado na comunicação reflete qual a origem do falante justamente pelo modo como ela fala numa situação, seja as palavras já existentes na língua, mais com sentidos completamente distintos.

Morador G (39 anos): *quando eu me entendi acho que em 74, as coisa eram muito difícil não tinha condição e a mamãe fazia rôpa pra genti de saca de açúcar sabe? Te digo mesmo, a gente era meninu e não sabia o que era vergonha, a gente usava essas rôpa.*

Na oitava entrevista, o participante de 50 anos fala como a comunidade era no início de sua fundação, empregando termos que denotam sua experiência vivida como “terras-caída”, fenômeno natural muito frequente na região, utilizando ainda uma entonação clara sobre sua abordagem como ‘*crecendo crecendo*’, ‘*boa pra plantá*’, e Antunes (2012) afirma isso através das escolhas lexicais que são escolhidas constituindo o pertencimento e a identidade.

Morador H (50 anos): *aqui o Pixuna não era como hoje, que era uma praia antigamente. Essa parte onde a gente mora hoje foi crecendo crecendo ficando boa pra plantá aí o pessoal fez casa, só que já tá fazeno uns doze ano que tá dando terras- caída já levano essa praia e o pessoal se mudando pra trás de novo.*

Na penúltima entrevista, o colaborador relata a situação vivida por seu pai em suas pescarias, usando as expressões “rêgo” (caminho para colocar malhadeiras), “pelutiar” (pilotar ou direcionar a canoa), “japá” e “jiral” (armazenagem do peixe) e “porronca” (cigarro de palha) eram utilizadas pelos mais velhos e algumas destas são ditas atualmente pelo fato de estarem no contexto situacional. Antunes (2012) expressa as palavras subordinadas a nossa pretensão e no que queremos expressar.

Morador I (49 anos): *no tempo do meu pai, as pescaria eram de cinco dias, ia ele e mais os ôtros pesca nas canoas, e não tinha rabeta, era no remo mesmo um prôa abrindo rêgo e ôtro na popa pelutiando. Quando eles pegavam peixe, iam no mato tirar palha pra fazer o japá no jiral da canoa pra guardar o peixe, porque também era difícil comprar gelo pra gelá o peixe. E acendiam a porronca pra espantá carapanã.*

Na última entrevista, foram colhidas as expressões “coivara” (preparação do terreno), “tarrafiar” e “bubuiar”, “dorada” e “bajara” referentes também ao modo de sobrevivência dos moradores e suas jornadas diárias para ampliar seu lado financeiro mostrada através da expressão “estribado”, conforme citado abaixo:

Morador J: *nós do interior samos assim, a gente abre o roçado, coivara, planta o que tiver, banana, feijão. Agora a maioria tá fazendo melancial, um tempo desse tava bom pra vendê, teve uns aí que andaram estribado por aqui. A gente pesca também, tarrafia, vai bubuiar no tempo da dorada, nas bajara que é um pouquinho maior, arpua... tudo isso a gente tenta.*

Todas as expressões utilizadas por meio de diálogos formam a variação diatópica da comunidade e, são utilizadas por todos os moradores. Há, nas transcrições algumas observações a respeito da forma escrita e oral como a falta de concordância verbal e nominal entre as informações repassadas, a acentuação desnecessária em relação à pronúncia dos verbos como por exemplo o acréscimo

do acento agudo (´) e do acento circunflexo (^) havendo a falta da consoante 'r' no final das conjugações verbais em palavras como “vendê” (vender), “plantá” (plantar), “pescá” (pescar), “fazê” (fazer) entre outras.

Houve ainda a falta de ditongos e a ênfase nas vogais tônicas em algumas expressões orais, tais como: “ôtros” (outros), “dorada” (dourada), “rôpa” (roupa), “dôtor” (doutor) e “malhadêra” (malhadeira). Houve ainda a troca das vogais no final das palavras como O pelo U, E pelo I: “menininu” (menino), “genti” (gente) e “mudadu” (mudado).

Observou-se a regência entre os verbos no singular e plural com relação ao sujeito e artigo empregado nos discursos “*as moça de antigamente eram comportada*” (as moças de antigamente eram comportadas). Foi destacada ainda a falta do gerúndio em algumas expressões tais como “fazeno” (fazendo) e “levano” (levando).

Em algumas fala houve a supressão de algumas consoantes e vogais em determinadas palavras como “tava” (estava), “pra” (para), “crescendo” (crescendo). A falta de pontuação durante as informações ocorreu devido a rapidez nas entrevistas e as informações fragmentadas e avulsas.

Antunes (2012) embasa que somos identificados pela linguagem que utilizamos na nossa comunicação verbal. Isso nos direciona a uma diversidade linguística levando a interação, troca, envio e recebimento de informações. Esta conexão faz parte de nossa vida. As expressões que usamos define nossa carga cultural e de que forma ganhamos e como podemos repassar.

5 CONCLUSÃO

O intuito deste trabalho foi deixar visível a importância da Sociolinguística e sua extensa contribuição em relação às variações existentes no português brasileiro. Por meio deste, é de total relevância notar que utilizamos uma variação em nossa língua, seja ela influenciada pelo meio ao qual fazemos parte, pela nossa origem ou grupo social.

Este estudo permitiu que uma comunidade ribeirinha pudesse se tornar conhecida pela sua forma distinta de comunicação oral, haja vista que este será um trabalho inédito. Sendo que, até então nenhum estudo havia sido realizado neste âmbito. As pesquisas concretizadas abriram um leque de diversidade lexical em que sua importância dentro da comunicação daquela pequena comunidade é imprescindível.

Neste sentido é necessário considerar que falar diferente não é falar errado. Usar uma variação não se torna um pecado e nem um distanciamento do português padrão. Há um contexto, uma cultura, familiaridade, intimidade e ensinamentos repassados de pais para filhos por meio das expressões. Estas se tornam indispensáveis à comunicação e fortificam os laços entre seus integrantes.

Perante os estudos realizados e a coleta de dados, observou-se que as expressões são exclusivas daquele local e que não importando a faixa etária, todos conseguem entendê-las e aplicá-las dentro de suas realidades tanto dentro como fora da comunidade.

Observa-se também que as variações existentes nas comunidades que fazem parte da região ribeirinha de Santarém se tornam esquecidas, por vezes estigmatizadas pelas pessoas que desconhecem esse material riquíssimo.

Diante disso, a variação diatópica de Pixuna do Tapará foi estudada não profundamente como se era esperado mas, esta monografia já torna-se uma contribuição para outros trabalhos e pesquisas acadêmicas, escolares, históricas ou ainda para aquelas leituras de ampliação do conhecimento sobre a mesma. Com isso, a Sociolinguística só tem a contribuir com a valorização nos estudos das variações e a comunidade ganha uma luz de conhecimento sobre sua riqueza lexical.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. J.; LIMA, M. G.; SAMPAIO, M.L.P. **A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**. Ed. REALIZE, Campina Grande, 2012.

ANDRADE, Rita Cácia de. A variação linguística no ensino de língua portuguesa. **Revista Eventos Pedagógicos**. v. 3, nº 1. UNEMATE, 2012.

ANDRIGUETTO, T. I. D. **A criatividade na composição da linguagem policial: suas gírias e jargões**. UTFP. Curitiba, 2006.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. V.13. ed.Parábola. São Paulo, 2005.

ANTUNES, Irandé. **O território das palavras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: como é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 13ªed.Editora Contexto. São Paulo, 2004.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística** – 1ª edição. São Paulo. SP: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim**. Ed. Parábola. São Paulo, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Lucerna. RJ, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 2011.

BORGATTO, A. M, T.; BERTIN, T.C. H.; MARCHEZI, V. L. C. **Tudo é linguagem**. Ática. São Paulo, 2006.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA NO BRASIL**. 1ª edição. Ed. Ática. São Paula, SP, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: **língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

PAULA, M. R. B.; GONCALVES, G. F. **Léxico & gramática: uma relação de causa e efeito?**. Disponível em: <revistaseletronicas.pucrs.br > Capa > v. 43, n. 3 (2008) > Brum-de-Paula > acesso em 17 dez 2017.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAPUTO, Ângelo Renan A. **SOCIOLINGUÍSTICA – A LINGUA E SUAS VARIAÇÕES**. Disponível em<
<http://www.google.com/amp/docplayer.com.br/amp/175990-Prof-angelo-renan-a-caputo-especialista-em-linguistica-textual.html>> acessado em 06/01/2016.

COELHO, Izete Lehmkuhl.; et al. **SOCIOLINGUÍSTICA**. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl.; et al. **Para conhecer a Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, A. L.; FERRAZ, A.P. **O léxico em foco: Propostas de aplicação de teorias lexicais no ensino de português como língua materna**. Disponível em: <www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/960.pdf >. Acessado em: 01 jan 2018, às 10: 35h.

DIAS, D. S.; SILVA, M. F. **Como escrever uma monografia**. Ed. Atlas. São Paulo, 2010.

FAULSTICH E. L. J. **Como ler, entender e redigir um texto**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GADET, Françoise.; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**. 3ªed. Campinas: Papirus, 2002.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. **Variação Linguística e Ensino de Gramática**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/10749/12022>> acesso em 03 dez 2017.

GRACIAN, Baltazar. **A arte da Sabedoria**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2013.

GUERRA, M. M.; ANDRADE, K. S. O léxico sob perspectiva: contribuições da Lexicologia para o ensino de línguas. **Revista Eletrônica de Linguística**. v.6, nº. 1, 2012. Disponível em: <<http://w.w.w.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>> acesso em 22 dez 2017, às 20:18h.

HARTMANN, S. H. G.; SANTAROSA, S. D. **Práticas de escrita para o letramento no ensino superior**. Ed. InterSaberes. Curitiba, 2012.

ILARI, Rodolfo.; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2011.

LAJOLO, Marisa. Et al. **Caminhos da linguagem: área de comunicação e expressão**. Ática. São Paulo, 1977.

LEITE, C. P.; FÁVERO, L. L.; SILVEIRA, R. C. P. **Sintaxe – Semântica: base para a gramática de texto**. Ed. Cortez. São Paulo, 1985.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7ª ed. Atlas. São Paulo, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. **Manual de linguística**. – São Paulo. Editora Contexto, 2008.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística**. 4º ed. Contexto. São Paulo, 2010.

MUSSALIM, Fernanda.; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística**. 2ª ed. Cortez. São Paulo, 2001.

NEVES, M.D.B.P.D; SANTANA, J.O.D. **AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE**. Millenium, 2015. Disponível em: <www.ipv.pt/millenium/Millenium48/6.pdf> acesso em 13 ago 2017.

OLIVEIRA, Helenio Fonseca de. **Ensino do Léxico: O problema da adequação vocabular.** Disponível em: <<http://www.pirgletras.uerj.br/matraca/matraca19/matraca19a03.pdf>>. Acesso em 06 dez 2017.

OLIVEIRA, G. R., et al. **Português: a arte da palavra.** AJS. São Paulo, 2009

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é linguística.** 7º ed. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1994.

PACHECO, Mariana do Carmo. **"Há diferença entre vocabulário e léxico?"**; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/gramatica/ha-diferenca-entre-vocabulario-lexico.htm>>. Acesso em 26 de agosto de 2017.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática.** 6ª. Papiros. Campinas, 2002.

PAIM, M. M. T. **A variação lexical do português falado no Brasil: reflexões sobre o campo semântico vestuário e acessórios nos dados do projeto ALIB.** Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/247887961/A-Variacao-Lexical-Do-Portugues-Falado-No-Brasil-Reflexoes-Sobre-o-Campo-Semantico-Vestuario-e-Acessorios-Nos-Dados-Do-Projeto-Alib>> acesso em: 20 dez 2017, às 13:05h.

PRADO, Luiza., BATISTA, Priscilla. **Na boca do povo: as origens e significados dos ditados populares.** Disponível em: <puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/ecletica33_ditados_populares.pdf>. Acesso em: 20 DEZ 2017, às 15:22h.

_____. **PRECONCEITO SOCIAL E LINGUÍSTICO NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA: Um Olhar Sociolinguístico e da Análise do Discurso.** Disponível em: < <http://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/preconceito-social-linguistico-no-ensino-lingua-materna.htm> > Acesso em out 2017.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas.** Edusp, São Paulo, 1984.

REIS, R. M. M. **Os bordões criados pela TV e sua influência na linguagem cotidiana.** Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. Scipione. São Paulo, 1996.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica**. Ed. Atlas. São Paulo, 1979.

SAGUATE, A. W. **Variação lexical e sintática na produção escrita formal, em português, dos estudantes da Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique**. Disponível em:

<www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v2_t27.red6.pdf>. Acesso em 18 dez 2017, às 14: 54h.

SÁ, E. J. **“Não é brinquedo, não!” – A sociedade televisiva dos bordões: jargões da mídia ou artifícios sem valor?** Disponível em <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=738>> acessado em 17 out 2017.

SÁ, E. J.; PEREIRA-JR, L. C. **A sociedade dos bordões**. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11031>> Acesso em 18 dez 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Ed. Cultrix: São Paulo, 2006.

SEIDE, M. S.; HINTZE, A. C. **O ensino léxico na disciplina de português – língua materna, no ensino fundamental brasileiro**. Disponível em: <www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/viewFile/1354/875> Acesso em dez 2017.

SCHMITZ, J. R. O país do provérbio pronto. **Revista Língua**. Segmento. São Paulo, 2014.

SILVA, Edila Vianna da. **A Pesquisa Sociolinguística: a teoria da viação**. Disponível em: <https://www.google.com/amp/docplayer.com.br/amp/8308090-A-pesquisa-sociolinguistica-a-teoria-da-variacao-edila-vianna-da-silva-uff-e-abrafil.html> acessado em 23/12/2016. Acesso em 16 ago 2017.

SOUZA, R. M. J. **Os bordões televisivos e sua influência**. Disponível: <www2.unucseh.ueg.br/.../trab_gt09_os_bordoes_televisivos_sua_influencia.pdf>. Acesso em 15 nov 2017.

TARALLO, Fernando Luiz. **A pesquisa sociolinguística**. 8ªed. Editora Ática. São Paulo, 2007.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. –São Paulo: Scipione, 1997.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. 15ª ed. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2007.

VASCONCELOS, Maria Lucia. Expressões populares: patrimônio cultural a ser incorporado pela escola. **Revista Todas as Letras**. Disponível em: < <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/index> > Acesso em 13 out 2017.

VILELA, Mario. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina,1994.

